



Elane de Farias Pantoja

**Transgressões do Feminino: entrelaçando emoções, desejos e escolhas**

Mestrado

**Belém / Pará**

**2017**



Elane de Farias Pantoja

**Transgressões do Feminino: entrelaçando emoções, desejos e escolhas**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo

Belém / Pará

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

---

Pantoja, Elane de Farias

Transgressões do Feminino: entrelaçando emoções, desejos e escolhas / Elane de Farias Pantoja. - 2017.

Orientador: Fabiano de Souza Gontijo  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia, Belém, 2017.

1. Mulheres - Comportamento sexual. 2. Afeto (Psicologia). 3.  
Erotismo. 4. Etnologia. 5. Antropologia.

CDD 22. ed. 155.333

---



Elane de Farias Pantoja

**Transgressões do Feminino: entrelaçando emoções, desejos e escolhas**

**Mestrado**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Telma Amaral Gonçalves  
Examinadora Externa (UFPA / Faculdade de Ciências Sociais / IFCH)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Donza Cancela  
Examinadora Interna (UFPA/ PPGA/ IFCH)

---

Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo  
Orientador (UFPA / PPGA/ IFCH)

Belém, 29 de março

2017

*Para interlocutoras, que transgrediram as fronteiras para construir suas histórias de emoções e desejos, fazendo tudo valer a pena.*

*Para Denise, por estar presente sempre com a capacidade de rir, de chorar e de sonhar junto comigo todos os dias.*

*Para meu pai (in memoriam) que me ensinou a sonhar e a realizar os melhores sonhos.*

*Para minha mãe, por me dar a vida e continuar a me fazer acreditar que era possível vivê-la.*

*Para minha irmã Adélia, que adiou os próprios sonhos para que eu realizasse os meus.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, onde eu procurei forças quando achava que estavam se esgotando inclusive as reservas, e Ele com sua infinita misericórdia atendeu às minhas necessidades para eu chegar até aqui.

À minha mãe que sempre lutou pela nossa educação, e que mesmo com sua luta particular e que não podia esperar, ainda assim priorizou o meu estudo, e nos momentos que eu tive que me ausentar ela entendeu e seguiu sozinha a caminhada que era feita por nós duas. E mesmo sem entender o que eu tanto lia, e tanto escrevia se orgulhou do que eu estava fazendo, me amou incondicionalmente e esperou para continuarmos a vida juntas.

À Denise, a minha fiel companheira que me amparou nas diversas vezes que pensei que o caminho havia chegado ao final, e que não havia mais motivos para continuar, mas ela me mostrou que estava comigo, e que todos os dias era o dia de recomeçar. Agradeço porque entendeu que o tempo não era mais meu, mas que chegaria o momento que ele seria nosso, e aguentou quando o meu humor não me permitia ser a melhor companhia, mesmo assim acreditava que uma boa comida (da forma que só ela faz) acompanhada de música que muitas vezes só eu apreciava poderiam modificar tudo e fazer o melhor por nós duas.

A minha irmã que aos meus quinze anos, se responsabilizou pela minha educação formal abrindo mão da dela, soube esperar e caminhou. Pela demonstração de orgulho em ver até onde conseguimos chegar após subverter às normas impostas pela pobreza que insistia em nos negar o lugar que almejávamos, mas nós vencemos porque acreditamos juntas que nossos sonhos poderiam ser realizados.

À minha família – tias e primos que souberam esperar, respeitar, torcer e me fazer sorrir quando eu mais precisava (em especial a prima Elana). Ao meu sobrinho Enzo que aos dois anos ensinei cantar a Marchinha do Vestibular, para que ele cantasse no dia que meu nome fosse falado no rádio no listão da UFPA. A minha irmã Amanda que atura minha cobrança constante, cobrança de que vá estudar para passar na UFPA.

Ao professor orientador Dr. Fabiano Gontijo, que me estimulou a cursar o mestrado mesmo em um momento de grande dificuldade pessoal e que influenciou muito na

dificuldade da escrita, mas ainda assim ele continuava a apoiar. Devo dizer que o retorno a este espaço só aconteceu pelo breve e casual encontro que tivemos e ele me falou as palavras certas que fizeram com que eu reunisse as forças necessárias para voltar e continuar a trilhar este caminho.

Às interlocutoras que me emprestaram suas histórias de amor, de afeto, de desejo, e emoções, para construir este trabalho. E mostraram que não abririam mão da felicidade, ainda que precisasse ir além para avançar, quebrar para construir, transgredir para viver.

À Eli Pinheiro, pela amizade, pela admiração mútua, pela força acadêmica, pelas trocas de material, e pelas madrugadas no “zap” e tudo em nome do conhecimento, ainda que no outro dia as marcas da noite quase não dormida fizessem parte do dia-a-dia. Ainda assim era possível partilhar mais conhecimentos.

Aos amigos Robson que dividiu conhecimento, que torceu sempre e se mostrou afetuoso nos problemas pessoais. Sanmarie, que torceu e deu força sempre, Karina, pela diversão e carinho. Zhumar, pelos “papos intelectuais” infinitos e as melhores músicas curtidas. Ao Jocélio pelo carinho, a alegria e diversão constante e ligada no 220v. Marcinha e Denise Gomes pela amizade de sempre, carinho e compreensão nas minhas ausências.

À professora Telma Amaral, por ter aceitado participar da banca de qualificação e contribuir significativamente com a direção deste trabalho. Por aceitar participar da banca de defesa. E principalmente, por ter sempre um abraço verdadeiro quando precisei, por ter sido profissional nas críticas necessárias, por ser a mulher incrível que tem conseguindo ser, tanto como profissional exemplar, e como mãe e esposa que pude conhecer.

À professora Cristina Donza, por aceitar participar das bancas de defesa e qualificação. A quem reitero meu respeito e admiração desde a graduação pelo profissionalismo, pela beleza, pela educação e por conseguir juntar tudo isso e fazer disso uma grande obra mantendo sempre a humildade. Ressalto minhas estimas.

À professora Adelma Pimentel, principalmente por saber escutar, e mais do que isso, por reservar sempre um tempo à estas escutas e aos deliciosos debates acadêmicos.

Aos meus professores que contribuíram muito com seus conhecimentos em especial ao professor Dr. Hilton da Silva das nossas maravilhosas “terças do terror”, onde aprendemos possibilidades que antes dele não costumávamos nem pensar e muitas vezes

parecia impossível entender, mas ele sempre podia nos mostrar um pouco mais. Ao professor Dr. Ernani, que faz a sexualidade como temática ficar muito mais interessante.

A professora Laura Moutinho que me enviou em 2005 os primeiros livros desta área iniciando-me assim na paixão pelos estudos do tema sobre homoconjugalidade. Que me recebeu no PROCAD USP com o mesmo carinho e atenção que sempre demonstrou a cada encontro nos eventos acadêmicos. E que faz meu olhos brilharem a cada vez que posso encontrá-la fazendo com que meu coração se apaixone um pouco mais pelo que escolhi estudar.

Ao queridíssimo Antônio Carlos, que tanto nos ajuda na secretaria do PPGA, que além de facilitar nossa vida, resolve quando tudo parece impossível se resolver.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) que me deu a oportunidade de cursar este mestrado, e aprender coisas anteriormente impensadas e me encantar com os novos conhecimentos que me foram apresentados.

Ao grupo GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisa Eneida de Moraes, e aos colegas que dividem conhecimentos e questionamentos sempre muito frutíferos, além das boas risadas.

Aos colegas do Grupo Orquídeas, que juntos construíram uma nova história de vida, e de luta na UFPA. Denise Souza, Priscila Lima, Franci Quaresma, Paula Ramos, Lyah Correa, Cléo Ferreira, Milton Ribeiro, Ramon Reis, José Luiz Franco, Osmar Reis, Diogo Monteiro, Robson Oliveira, Samuel Souza, Edyr Oliveira, Ton Lobo, Wagner Pinheiro, Vinny Monteiro, Alan Nina e Wladirson.

À Ana Lúcia (Aninha) do PPGCP, amiga de infância, mas que no espaço acadêmico sempre esteve disposta a ajudar. A queridíssima Rô do PPGSA que sempre facilitou a minha vida acadêmica e que mesmo de longe sua torcida pela minha vitória tinha a mesma força.

À Selma Jorge, Ana Claudia Bentes e Kléber, por cuidarem de mim, da minha saúde, acreditando que eu chegaria até aqui e me fazendo manter o foco.

Aos colegas da turma de mestrado 2015 do PPGA/UFPA.

Agradeço a todos que foram importantes e não foram citados, mas que fizeram parte da minha formação, e que contribuíram com este trabalho o meu muito obrigado.



*“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”. (Simone de Beauvoir)*

*“Para ser brilhantemente transgressora faça com que as regras do jogo sejam suas.” (Catherine Deneuve)*

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado versa sobre relações afetivo-sexual entre mulheres. A pesquisa de campo foi realizada com oito mulheres que moram na cidade de Belém-PA. O estudo insere-se nas áreas de sexualidade e gênero com a análise feita a luz da antropologia. Na pesquisa utilizou-se trajetórias de vida afetivo-sexual de mulheres que se relacionam com mulheres, em que seis das oito mulheres não se autoidentificam como lésbicas, foi possível acompanhar etnograficamente com observação participante as narrativas que demonstram possibilidades diversas de relacionar-se afetivo-sexualmente com mulheres, e como negociam a visibilização ou não das suas emoções, dos seus desejos e de suas escolhas ao vivenciarem relações homoerótica e assim viverem a sexualidade de forma plena. O campo da pesquisa aconteceu com pesquisas feitas em espaços públicos (bares), bem como no que reconhecemos como âmbito privado (residências). Respeitou-se autodefinição das entrevistadas no que se refere as identidades. Os capítulos deste trabalho apresentam as pesquisas de relevância e reconhecimento nacional; o campo e as interlocutoras, bem como, as experiências afetivo-sexual vivenciadas pelas entrevistadas e que foram conhecidas através das narrativas feitas pelas interlocutoras. É feita reflexão sobre as formas com que as entrevistadas se relacionam com homens e com mulheres. E ao final percebeu-se que para estas mulheres relacionar-se com mulheres não representa um comportamento abjeto, mas apenas uma possibilidade de relacionamento dentro de um contexto da diversidade sexual. Para além da produção de uma dissertação como requisito para obtenção do título de mestre, a pesquisa e conclusão deste trabalho permite que se faça uma revisão nas possibilidades e expectativas que são criadas a partir de normas sociais construídas apoiando-se em ideias binárias alicerçadas na heteronorma.

Palavras-chave: Homoerotismo. Mulheres. Afetivo-sexual. Lesbianidades. Diversidade Sexual.

## ABSTRACT

The present master's thesis discusses the affective-sexual relations between women. The research was carried out with eight women living in the city of Belém-PA. The study is inserted in the areas of sexuality and gender with the analysis made in the light of anthropology. Using the life trajectories of women who relate to other women, in which six of the eight women do not self-identify as lesbians, it was possible to follow ethnographically with participant observation the narratives that show different possibilities of establishing affectively-sexually relationship with women, and To negotiate the visibility or not of their emotions, their desires and their choices when experiencing homoerotic relations and thus fully living their sexuality. The field of research took place in public spaces (bars), as well as in what we recognize as private environment (residences). The chapters presented surveys of greater national recognition, the field and the interlocutors, as well as the affective-sexual experiences (through the narratives) lived by the interviewees. In addition to the production of a dissertation as a requisite to obtain the title of master, the research and conclusion of this work allow a review of the possibilities and expectations that are created from social norms built on the basis of binary ideas based on heteronorma.

Keyword: Homoeroticism. Women. Affective-sexual. Lesbianities. Sexual diversity.

**LISTA DE SIGLAS**

CENTUR – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

CISO - Encontro Norte Nordeste de Ciências Sociais

EBW – Euro-Brazilian Windows

ENUDS - Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual

ENUDSG - Encontro Nacional em Universidades sobre Diversidade Sexual e de Gênero

FCPTN - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT's - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis e Transgêneros

MSM – Mulheres que fazem Sexo com Mulheres

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SBS – Congresso Brasileiro de Sociologia da Sociedade Brasileira de Sociologia.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta

UP – Universidade do Porto

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	iv
<b>RESUMO</b>	viii
<b>LISTA DE SIGLAS</b>	x
<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1 ESTUDOS SOBRE RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAL ENTRE MULHERES</b>	22
1.1 Sexualidade Feminina	23
1.2 As pesquisas realizadas no campo dos estudos de gênero e sexualidade	26
<b>2 MULHERES QUE SE RELACIONAM AFETIVO-SEXUALMENTE COM MULHERES</b>	38
2.1 Metodologia, Técnicas e Instrumentos	38
2.2 O campo	41
2.3 Apresentando as interlocutoras	44
2.4 Quadro descritivo socioeconômico	49
<b>3 ENTRELAÇANDO EMOÇÕES, DESEJOS E ESCOLHAS</b>	50
3.1 As Interlocutoras e Suas Emoções, Desejos e Escolhas	50
3.1.1 Valéria: “daqui por diante provavelmente nunca mais serei hetero”	50
3.1.2 Fabiola: “Nunca me senti atraída por homens.”	53
3.1.3 Dalila: “Não queria decepcionar meus pais.”	55
3.1.4 Margareth: “Não sonho com romantismo, flores ou surpresas.”	60
3.1.5 Alcione: “Também quero fazer parte desta pesquisa.”	63
3.1.6 Aline: “minha mãe não aceita de jeito nenhum”	66
3.1.7 Simone: “minha primeira vez com uma mulher foi extremamente intrigante e prazerosa.”	69
3.1.8 Cassia: “achei natural ambos os casos, pouco me importei nas duas situações”	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	82
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	89
<b>SITES CONSULTADOS</b>	95
<b>APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>	96
<b>APÊNDICE II - TERMO DE COMPROMETIMENTO E CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	99

## INTRODUÇÃO

Ao pensar nesta pesquisa logo ficou nítido que este seria um tema espinhoso, e também que o assunto intrigava algumas pessoas. Quando se começou a desenhá-la na cabeça para construção da proposição de estudos muitas questões surgiram em conversas no espaço acadêmico, e estas começaram a fazer parte dos questionamentos iniciais para entender o que de fato se poderia compreender sobre sexualidade vivenciada entre duas mulheres.

Quando, no decorrer da elaboração da pesquisa, falava da intenção de abordar tal temática, e ao identificar o tema como sendo sobre mulheres que fazem sexo com mulheres, por vezes escutei: “ah, você quer falar de lésbicas?!”, logo surgia esta interrogação acompanhada da afirmativa de que se tratava de mulheres lésbicas, entretanto, como mulheres lésbicas não era o foco do trabalho (ou pelo menos não o único foco), retificava utilizando narrativas de histórias que ratificavam o que realmente pretendia dissertar.

Para uma mulher lésbica, assumida e militante do movimento LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, tratar deste tema me causava também o sentimento de ser a ativista em defesa da diversidade sexual e não só de uma das identidades. E mesmo antes de ter uma letra sequer escrita sobre este trabalho logo percebi que talvez ninguém gostasse de ver uma mulher lésbica falando de mulheres que se relacionavam das diversas possibilidades possíveis com outras mulheres. E vinha a interrogação – porquê não falar de mulheres lésbicas?

Respondendo a esta pergunta, posso dizer que também seria interessante trabalhar com mulheres lésbicas, todavia fiz opção de ampliar para outras possibilidades de relacionamentos entre mulheres por entender que todas estas formas são válidas quando se trata da sexualidade humana. Dentro do movimento social de fato há a necessidade de se “encaixar” em uma categoria indentitária, por assim dizer política, pois percebo a importância de afirmação e visibilização, para reconhecimento da identidade lésbica.

No entanto, este não é foco do estudo aqui apresentado. Sendo assim, a partir das narrativas das interlocutoras apresentadas no terceiro capítulo, não haveria a possibilidade de eu definir essas mulheres como mulheres lésbicas, pois nem todas tinham exatamente

uma identidade definida e assim trabalhei com a perspectiva da autodefinição, com isso encontrando outras possibilidades, que se trabalhasse com uma identidade cristalizada poderia não reconhecer as outras possibilidades afetivo-sexual vivenciadas não só pelas interlocutoras que compõem este trabalho, mas por tantas outras mulheres .

Nesse contexto adentrou-se no infinito particular dessas mulheres, entendendo que para elas o que faz sentido e o mais importante é o sentimento delas em relação às outras mulheres, implicando não somente a afetividade, bem como a disposição de sua sexualidade. Portanto, percebeu-se que não era possível coactá-las a uma autodefinição, seja a bissexual, a entendida, a lésbica.

Percebeu-se também a necessidade em respeitar àquelas mulheres que diziam não estar em “*nenhuma dessas caixinhas do movimento LGBT*” (como expressou Aline) e assim não terem resposta quanto à identidade. Algumas destas mulheres em suas narrativas ratificavam que gostavam de homem e de mulher. Foi desta forma que ao explicar para as interlocutoras o que era a pesquisa, observou-se em muitos olhos um certo brilho animador, que naquele momento transmitiu a sensação de ser uma oportunidade para falar sem fazer muitos caminhos curvos (sem rodeios).

Ao mesmo tempo, de pronto, essas mulheres confirmaram sua participação na pesquisa e expressou com entusiasmo uma das interlocutoras “*legal! é isso aí mesmo, tô gostando dessa história*” (Aline), e não com as mesmas palavras, porém na mesma intenção Simone manifestou tal sentimento. Notou-se nas interlocutoras a ansiedade de através das narrativas de suas trajetórias sexuais poderiam contribuir para que fossem compreendidas sem sentido dubitativo.

Por isso, ratifico que desde o início, mesmo antes de se tornar projeto de pesquisa, propriamente dito, neste trabalho não foi debatido somente as relações homoeróticas de mulheres lésbicas (ou pelo menos não só de mulheres lésbicas), mas de mulheres que se relacionam com mulheres. Estas as quais vivenciam suas práticas sexuais, afetos, sentimentos, desejos por pessoas sejam homens e/ou mulheres, porém que sobretudo tenham estas vivências com e por mulheres.

Outrossim, neste trabalho o respeito pela autodefinição será uma constante. A maneira como essas mulheres dividiram suas trajetórias de vida, e como algumas

mencionaram, dividiram também os seus segredos íntimos para dar corpo a este trabalho e eficácia à pesquisa, possibilita compreender que a sexualidade, a forma como é vivenciada são possibilidades experimentadas das diversas configurações existentes, ainda que não sejam normatizadas pela sociedade.

Foi possível observar com o trabalho de campo que a sexualidade, que por vezes, é compreendida como um assunto privado, entretanto pode também ser entendida como uma questão necessariamente pública, sendo ela um elemento essencial para a formação das relações sociais, por servir também em particular para a estruturação de desigualdades.

Atualmente, por conta das mídias sociais, televisiva entre outras, além da informação do dia a dia, salta aos olhos os diversos tipos de violência causada em virtude da orientação sexual e/ou identidade de gênero das pessoas. Estas, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais correm risco diariamente de violência e morte, especialmente na sociedade brasileira.

Embora o trabalho não tenha como foco discutir sobre tão alto índice de violência homofóbica constatada no Brasil<sup>1</sup>, urge comentar superficialmente, já que na abordagem desta temática envolvem-se pessoas que não estão vivenciando a vida afetivo-sexual dentro do padrão heteronormativo imposto na sociedade brasileira e que por isso também podem estar incluídas nesta demanda. Sendo este também um dos motivos para que tais relações não sejam manifestadas em espaços públicos, como Alcione manifestou em sua fala sobre o medo e a invisibilidades do relacionamento vivido.

Contudo, estudar a sexualidade se faz necessário para o entendimento de que esta não se dá no campo da “natureza” e como observou Anjos (2000), a partir de Bozon e Giami (1999), a sexualidade deve ser vista como “fato social”, como condutas; a sexualidade é classificada nos fundamentos da oposição e hierarquização entre masculino/feminino, estabelecendo um elo entre sexualidade e dominação (Anjos 2000), em que a dominação masculina faz do homem o sujeito, e da mulher o objeto (homem “come” a mulher), e é esta

---

<sup>1</sup> Ver Relatório 2016 – Assassinatos de LGBT no Brasil. Este relatório apresenta índices dos estados brasileiros que permitem que se comece a pensar no quanto a violência aumenta a cada ano, pois como o relatório é feito de forma colaborativa dos movimentos LGBTs dos estados, e tendo em vista que a maioria dos crimes ainda não são devidamente identificados em boletins de registro, afirma-se entre pessoas LGBTs que participam dos movimentos, que ainda não é possível precisar os números exatos da violência sendo assim muito maior do que conseguem definir para compor relatórios que apresentam esses índices. É importante saber que o Brasil é o segundo país com maior número de assassinatos de LGBTs, perdendo apenas para o México. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>



disposição que traz a heterossexualidade como norma naturalizando o homem e a mulher, como sugeriu Anjos (2000).

A pesquisa foi realizada com a intenção de estudar sobre sexualidade humana, entretanto de forma a apresentar um posicionamento descolado da fácil naturalização. O trabalho aqui apresentado versa, mais especificamente, sobre as práticas sexuais homoeróticas<sup>2</sup> femininas e insere-se no contexto dos estudos sobre sexualidade, na perspectiva da construção social das identidades e práticas afetivas e sexuais entre mulheres.

Com esta pesquisa, intenta-se adentrar em campos de estudo da sexualidade, trabalhando com relações de gênero, amparando-se teoricamente em pesquisas antropológicas de referência, tais como Andrea Lacombe (2007 e 2009), Regina Facchini (2008), Livia Toledo (2008 e 2013), Nadia Meinerz (2011), Jainara Oliveira (2014), Pâmela Reis (2015) e Karen dos Anjos (2016). No contexto acadêmico brasileiro e o regional, estas autoras se dedicaram às pesquisas sobre relações homoeróticas e, principalmente, nas relações entre mulheres; com isso são referenciais importantes para balizar esta discussão e serão melhor explicitados com embasamento na fundamentação teórica.

Ratifico que a nomeação dada às colaboradoras e interlocutoras desta pesquisa, é fictícia, para preservação do anonimato das participantes, a fim de que possam estar presentes de forma ampla neste trabalho. Para realização das entrevistas foi utilizado um termo de compromisso para garantir às interlocutoras, bem como à pesquisadora, a responsabilidade do uso das informações e a preservação da identidade das informantes. Informo que as falas das interlocutoras estão transcritas com fonte em itálico e utilização de aspas para indicação de que foram palavras utilizadas pelas mesmas.

Este trabalho teve como objetivo compreender o universo de relações que envolvem mulheres com práticas homoeróticas, sejam estas afetivo-sexual, ou somente sexual, ou seja, independente das identidades construídas coletivamente, enfatizando aspectos relacionados ao campo simbólico e prático, como: tipos de sociabilidade, constructos subjetivos, práticas sexuais, publicização da sexualidade, construção de si e diálogo com o "armário".

---

<sup>2</sup> "Homoerotismo" é um termo utilizado por Costa (1992) com o intuito de fugir da conotação médica do século XIX que deu origem ao termo "homossexual".

Para atingir os objetivos citados acima foi necessário analisar, a partir das narrativas sobre as práticas sexuais e afetivas das interlocutoras, observando como essas mulheres constroem suas subjetividades permeadas por questões que dizem respeito às relações e convenções de gênero e sexualidade.

Foi observado práticas e formas de agências presentes nos discursos elaborados pelas interlocutoras, quando do momento da entrevista, para visibilização de sexualidades que tangenciam contatos homoeróticos; também foi investigado os momentos de diálogo com o "armário" como estratégia de fuga e escape das sanções estabelecidas pela heteronormatividade e como a (in)visibilidade fez e faz parte de um projeto de vida.

Algumas problematizações nortearam esta pesquisa, que adentrou espaços tão particulares das experiências afetivo-sexual de cada mulher que colaborou com suas histórias de vida para a construção deste trabalho.

Foi interessante saber a partir das narrativas: De que forma mulheres com práticas homoeróticas, que não se identificam necessariamente como lésbicas e/ou homossexuais femininas, "edificam" ou constroem suas subjetividades? Como essa construção é permeada por questões relativas às relações de gênero e entre gêneros, sexualidade e sociabilidade entre pares?

Além de tudo ainda saber como o "armário" interfere na vivência e (não) publicização de uma sexualidade dissidente que escapa à heteronorma e arranjos coletivos (como a construção da lesbianidade)? O que se apreende desse bojo da sexualidade é que as mulheres não estão preocupadas em se autodefinirem, mas alcançar o patamar de liberdade e respeito pelas práticas sexuais contemplando em si o alcance do desejo afetivo-sexual.

Este trabalho está dividido em introdução, capítulos um, dois, três; e considerações finais conforme segue apresentação:

O primeiro capítulo é intitulado – “Estudos Sobre Relações Afetivo-Sexual Entre Mulheres”. Neste, fez-se um levantamento bibliográfico, expondo as pesquisas mais utilizadas nas discussões da temática estudada, e que foram realizadas nacionalmente e na região (Belém – Pará) em que estas mulheres foram estudadas, e de que forma elas contribuíram para os estudos da sexualidade feminina e mais especificamente das relações afetivo-sexual entre mulheres.

No decorrer da feitura do trabalho procurou-se mostrar como essas autoras são importantes para que se faça tal discussão e ainda como elas abordam este tema que também está presente em realidades de outras regiões do país, sobretudo o sul e o sudeste, sendo assim com características pertinentes ao espaço, todavia que, no entanto apresentam nuances aproximadas em realidades diferenciadas.

Ao segundo capítulo, deu-se o título de: “Mulheres que se Relacionam Afetivo-Sexualmente com Mulheres”; no começo demonstrou-se metodologia e instrumentos utilizados para realização da pesquisa, posteriormente expõe-se como se deu a incursão ao campo, e se faz uma breve apresentação das interlocutoras, já utilizando os nomes fictícios para que se garanta o sigilo às mulheres que foram entrevistadas. Apresenta-se também em um quadro as interlocutoras para que se tenha uma visualização mais específica de quem são essas mulheres que constituíram o trabalho com a riqueza de suas histórias.

No terceiro capítulo intitulado “Entrelaçando Emoções, Desejos E Escolhas”, faz-se a exposição sobre o campo propriamente dito, elencando com maiores detalhes as interlocutoras, e mostrando com a utilização das falas das entrevistadas mais especificamente sobre seus relacionamentos afetivos e sexuais, trajetória de vida, as parcerias e as percepções das relações afetivo-sexuais vivenciadas – como, quando, por que, práticas sexuais, visibilidade/invisibilidade, e questões pertinentes que perpassam pelos estudos da antropologia, bem como da sexualidade, analisadas a partir das entrevistadas. Além de apontar histórias semelhantes em estudos de referência nesta área.

\*\*\*

### **A escolha do tema entrelaçada com a militância acadêmica e com a trajetória acadêmica**

A escolha em trabalhar com a temática desta dissertação é resultado também da minha trajetória acadêmica, bem como a participação na militância acadêmica no âmbito da UFPA (Universidade Federal do Pará), mais precisamente num grupo de universitários que se juntaram para estudar e pesquisar sobre diversidade sexual e como consequência criou-se o

Movimento em Defesa da Diversidade Sexual - GRUPO ORQUÍDEAS<sup>3</sup>. Neste grupo, do qual tive o prazer de fazer parte desde a fundação, foi possível comungar experiências de vida e as acadêmicas.

Ainda no tocante à trajetória acadêmica, esta proporcionou a chegada até aqui, pois sempre se entrelaçou militância e espaço acadêmico. Todo este conjunto fez a condução para um caminho que se aproximasse dos direitos humanos. Tal experiência propagou muitos conhecimentos e formalizou a construção de uma identidade pessoal e profissional.

A entrada na UFPA, no curso de Ciências Sociais no ano de 2005, logo no primeiro semestre deu a oportunidade de participar do Encontro Norte Nordeste de Ciências Sociais - CISO, realizado na UFPA, sendo este um momento importante para definir as minhas escolhas, tanto pela antropologia (esta não era a opção inicial), como pelo estudo na área de sexualidade.

Neste encontro, a participação como monitora do minicurso “Como, porque e o que pesquisar sobre sexualidade e diversidade sexual”, ministrado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Laura Moutinho e o Prof. Dr. Fabiano Gontijo (os quais na época eram professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, e membros do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos – CLAM) foi de extrema importância para a constituição dos saberes sobre sexualidade.

Após o minicurso supracitado, despertou-me o interesse por estudar sobre homoconjugalidade, e em 2006 foi o começo dessa trajetória que chegou até aqui. As dificuldades foram grandes, pois a temática ainda não era um foco de interesse nesta universidade e assim não tive professores no meu curso de graduação que poderiam me tutelar nesta empreitada.

Naquele tempo, ainda sem orientação sobre a temática, iniciei os estudos sobre homoconjugalidade que foram direcionados ao trabalho de conclusão de curso (TCC), ainda não existiam muitos estudos no âmbito da UFPA voltados ao tema da “homossexualidade”,

---

<sup>3</sup> Lançado oficialmente em 13 de julho de 2007, momento em que a UFPA completava 50 anos de existência e sediava o 59º Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

conforme Milton Ribeiro da Silva Filho (2012)<sup>4</sup> haviam cinco TCCs realizados sendo quatro na antropologia e um na sociologia, somente o primeiro em 1989, um em 1995, um em 2000, um em 2002, um em 2004, e ainda um no direito em 2005, mais três dissertações em programas distintos (em 1997, 2003 e 2005). Ainda timidamente comecei, à proposta do que poderia ser o meu TCC com uma tema que versasse sobre homoconjugalidade.

O Grupo Orquídeas se dedicou aos estudos que abarcavam o tema da diversidade sexual, e assim em 2008 organizamos no âmbito da UFPA o 6º ENUDS – Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual<sup>5</sup>, em 2008<sup>6</sup>, no período de 9 a 12 de outubro de 2008. Reuniram-se muitos pesquisadores para as palestras, sendo estes referenciais importantes para os estudos de Gênero e Diversidade Sexual no Brasil. E isso fomentou muito aos nossos conhecimentos e daí surgiram mais trabalhos nesta temática.

A pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sobre o reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo em Belém (BR) e Cidade do Porto (PT), gerou o trabalho de conclusão de curso em 2010 nomeado “Brasil e Portugal: o reconhecimento da homoconjugalidade”, este foi um momento de grande contribuição para reforçar o conhecimento nesta área. Parte do trabalho foi realizada durante a minha participação no intercâmbio na Universidade do Porto (UP) pelo projeto EBW – Euro-Brazilian Windows<sup>7</sup>, no Programa Erasmus Mundus, realizado em parceria entre Governo Português e Governo Brasileiro.

Na cidade do Porto, a inserção no movimento de militância LGBT, de preferência com cunho acadêmico, foi muito rápida, mesmo não havendo tanta facilidade de encontrar os movimentos LGBTs do Porto. O movimento feminista da Cidade do Porto, o UMAR<sup>8</sup> –

---

<sup>4</sup> Silva Filho, Milton Ribeiro da. Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

<sup>5</sup> Para maiores informações sobre edições do ENUDS ver. Dissertação de Stephanie Pereira de Lima. As bi, as gay, as trava, as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução!: uma análise sócio antropológica do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDS). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. 2016.

<sup>6</sup> <http://6enuds.blogspot.com.br/2008/10/vem-que-tem-enuds-belm.html>

<sup>7</sup> O “Euro Brazilian Windows” (EBW) é um consórcio de Instituições de Ensino Superior Europeias e Brasileiras no âmbito do Programa “Erasmus Mundus External Cooperation Window”, um programa de cooperação da União Europeia com países terceiros.

<sup>8</sup> A UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta - é uma associação de mulheres constituída em 12 de Setembro de 1976. Como Organização Não Governamental está representada no Conselho Consultivo da CIDM (Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres) desde 1977. Nasceu da participação ativa das mulheres

União de Mulheres Alternativa e Resposta foi um dos quais participei. As participantes quase na sua totalidade eram mulheres, que de alguma forma estavam dentro da vida acadêmica, como professoras ou em grupos de pesquisas das universidades, eram mulheres de diferentes orientação sexual, contemplando a diversidade sexual procurada para minha pesquisa.

Na UFPa participei do Grupo NOSMULHERES<sup>9</sup>, como pesquisadora e como tutora a distância do curso semipresencial “Gênero e Diversidade na Escola”. Era composto por integrantes de diversas áreas, cursos e níveis de escolaridade, com alunos de graduação (Enfermagem, Direito, Ciências Sociais, Psicologia, etc.), de mestrado e também do movimento social de mulheres, o que significou uma rica troca de conhecimento.

Salienta-se a participação da maioria dos integrantes do Grupo Orquídeas no NOSMULHERES. Assim participamos da pesquisa “Para entrar no mundo que não é meu: a iniciação sexual a partir de entrevistas com as/os jovens pobres e de camadas médias de Belém do Pará”<sup>10</sup>, realizada em parceria dos grupos NOSMULHERES, Instituto Papai e Grupo Orquídeas; sob coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mônica Conrado da UFPa, e do Prof. Dr. Benedito Medrado, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Ao participar desta pesquisa sobre iniciação sexual, confirmou-se a mim que esta é uma temática muito interessante para ser discutida também nas relações homoeróticas entre mulheres. Com isso, construí o projeto de pesquisa de dissertação o qual ingressei na turma de antropologia do PPGA em 2015, aprofundando assim os estudos sobre as relações afetivo-sexuais entre mulheres.

Atualmente participo do Grupo de Estudo e Pesquisa “Eneida de Moraes”, sobre mulher e relações de Gênero – GEPEM/UFPa<sup>11</sup>, na linha de pesquisa “Gênero, corpos e

---

com o 25 de Abril de 1974 e da necessidade sentida, por muitas delas, de criarem uma associação que lutasse pelos seus direitos, naquele novo contexto político.

<sup>9</sup> Grupo NOSMULHERES – Pela equidade de gênero etnicorracial. Visa produzir projetos acadêmicos, articulados à realidade do norte do país sob a ótica de gênero, raça e/ou etnia e de classe, elaborados pelos/as pesquisadores/as associados/as. [www.organizaçãonosmulheres.com.br](http://www.organizaçãonosmulheres.com.br)

<sup>10</sup> Projeto de pesquisa aprovado no Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 020/2010 – Seleção pública de propostas para pesquisas em temas de Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos, atuando como pesquisadora. Coordenação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Conrado.

<sup>11</sup> O GEPEM é um grupo que tem o objetivo de integrar docentes e pesquisadoras(es) que se dedicam ao estudo das questões de gênero; nas diversas áreas do conhecimento, estimulando o desenvolvimento de pesquisas e estudos multidisciplinares sobre esse tema e áreas afins, no âmbito da UFPa e outras Instituições de ensino do Pará. [www.gepemacontece.blogspot.com.br](http://www.gepemacontece.blogspot.com.br)

sexualidades”, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Telma Amaral, e nele mais uma vez se tem um aprofundamento nos estudos os quais encamparam toda a trajetória acadêmica até o presente momento.

É pertinente localizar de onde se está falando, qual o percurso desta caminhada para que se perceba como esta trajetória foi realizada, e que, sem dúvida, todas as participações em eventos acadêmicos entre outros, e principalmente, as que de alguma forma estavam ligadas aos movimentos sociais, possibilitaram a minha construção como mulher de luta social e contribuíram em demasia influenciando escolhas acadêmicas para que estas também permeiem as lutas e respeito às diferenças.

## 1 ESTUDOS SOBRE RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES

Nada e ninguém existe neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um espectador. Em outras palavras, nada do que é, à medida que aparece, existe no singular; tudo que é, é próprio para ser percebido por alguém. Não o Homem, mas os homens é que habitam este planeta. **A pluralidade é a lei da Terra.** (Hannah Arendt 2008:29)

Neste capítulo inicia-se com breve debate sobre a produção no âmbito da UFPA referente ao tema estudado, que especificamente pode-se dizer que é “mulheres com relações afetivo-sexual com mulheres”, nota-se que a produção ainda pode ser considerada tímida quando se trata da especificidade dos relacionamentos homoeróticos entre mulheres.

E ainda, retoma-se as autoras que são consideradas as referências no Brasil no debate desta forma de relacionar-se, sejam essas identificadas como relações homoeróticas, parceria afetivo-sexual ou lesbianidades. Constata-se que estas estudiosas são sem dúvida a literatura de referência para discussão do tema em questão.

A escolha em trabalhar com o termo proposto por Jurandir Freire Costa (1992:21) se deu por compreender a partir dos três pontos utilizados pelo autor em sua obra como justificativa para o uso deste termo a “homossexualismo” como importante ao estudo em foco. Primeiro no sentido mais teórico e importante a esta pesquisa, de que o termo traz *“uma mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejo”*, depois por se afastar de *“qualquer alusão doença, desvio, anormalidade, perversão etc.”* E ainda:

Assim sendo, quando emprego a palavra homoerotismo refiro-me meramente à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico. (Costa 1992: 22)

A flexibilidade, a pluralidade, as possibilidades de relacionar-se, no caso desta pesquisa, afetivamente e sexualmente, ou somente sexualmente, com pessoas do mesmo sexo e/ou do mesmo gênero são princípios importantes para que se entenda as relações que fazem parte do campo que compõe esse trabalho.



## 1.1 Sexualidade Feminina

Os estudos sobre a sexualidade feminina e mais especificamente sobre a sexualidade de mulheres que tem práticas sexuais com mulheres ainda podem ser considerados escassos no âmbito da UFPA, muito embora, atualmente, já estejam ocupando um espaço maior de interesse acadêmico, principalmente nas Ciências Sociais, da região Sul e Sudeste do país.

Segundo pesquisa realizada para dissertação de mestrado, Milton Ribeiro da Silva Filho (2012), aponta os trabalhos sobre relacionamentos entre mulheres que foram encontrados no âmbito da UFPA são, o TCC de Allan Nina<sup>12</sup> (2010), e a dissertação de Hellen Viviani Veloso Corrêa<sup>13</sup> (2011). Recentemente em 2016 a dissertação de Karen Priscila dos Anjos<sup>14</sup> (2016).

Quando se fala em região amazônica geralmente vem em pensamento temas macro como etnologia indígena, meio ambiente, e é inegável a importância destes para o entendimento da realidade local, e o quanto esta universidade tem trabalhos de referência para esta área. Contudo, o estudo sobre sexualidade também tem ajudado a pensar a realidade local, sobre práticas e comportamentos de sujeitos sociais em contexto de estigmatização e pela publicização de sexualidades dissidentes.

E já é possível observar um movimento crescente de estudos da sexualidade nesta universidade (UFPA); sobre as homossexualidades. Atualmente, muitos professores já possuem vasto conhecimento na área e assim podem dar a orientação em trabalhos acadêmicos que importem o tema da diversidade sexual, com isso, cresceu significativamente o interesse nos estudos por essa temática.

Na UFPA, o que encontramos sobre o tema é principalmente na área das homossexualidades masculinas. Fóruns de discussão sobre sexualidade em encontros

---

<sup>12</sup> Mestre em Ciência Política pelo PPGCP da UFPA, e na graduação foi estudante das Ciências Sociais (2005) da UFPA e integrante do Grupo Orquídeas. Título do TCC: "O prazer de estar-juntas: uma análise sobre os espaços de sociabilidade (entre mulheres) em Belém" (2010)

<sup>13</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da UFPA, Título da dissertação: "Critérios utilizados na seleção de parceiras amorosas em relacionamentos de curto e longo prazo entre mulheres de orientação homossexual em idade reprodutiva."

<sup>14</sup> Mestre em Psicologia pelo PPGP da UFPA (2016), psicóloga e integrante do Grupo Orquídeas. Título da dissertação: "Cartografando lesbianidades: jogos performativos de gênero e subjetivação nas experiências de/entre mulheres"

também têm tido evidência em alguns cursos da área das humanidades, mas ainda são algumas poucas disciplinas que discutem essas questões.

Em atividades de grupos organizados em Institutos desta universidade, ainda podem ser considerados relativamente novos, no entanto tem crescido o volume dos debates e eventos sobre o assunto. Atualmente, pode-se observar que o tema já faz parte do interesse acadêmico de alunos e professores desta universidade, principalmente na área da Educação, Antropologia, Direito, Psicologia e também do Serviço Social.

Com isso é bastante relevante este estudo para compreendermos mais uma possibilidade no grande leque aberto pela sexualidade humana; possibilidade esta socialmente invisibilizada pela imposição de um padrão normativo da sexualidade, limitado à normalização das relações e práticas heterossexuais, que considera, a partir desse ponto de vista, como “desviantes” e “anormais” as mulheres com práticas homoeróticas.

Como já foi dito, não se pode afirmar que o estudo sobre sexualidade humana é algo fácil de ser realizado, seja na área que for; como afirmou Oliveira (2012), é um objeto de estudo pouco legitimado, e quando se trata da homossexualidade feminina o interesse é ainda menor se for comparado à produção que visou trabalhar a homossexualidade masculina.

A sexualidade, em geral, é assunto privado, íntimo e que causa sentimentos múltiplos. A inquietude da curiosidade se destaca, mas a convergência desta pesquisa é muito maior que o sentimento de curiosidade. Esta se propõe também a levantar subsídios que possam contribuir para a construção de uma sociedade menos excludente no que tange aos modelos sexuais impostos socialmente, dirimindo, dessa forma, conflitos e discriminações, como práticas homofóbicas, e sexistas que estão na base das formas de violência contra as pessoas.

E é nesse sentido, que se chama atenção para o entendimento da sexualidade como uma construção social (Vance 1995), a fim de que se possa entender os seus elementos constituintes (Fry 1977), como os gêneros (o que se entende por masculino e por feminino), os tipos de relações afetivas que podem publicamente ser expressas, bem como o que é imposto como padrão de conduta e modelo são elementos que fazem parte de uma sociedade, que, desde os clássicos das Ciências Sociais no Brasil, mostram-nos a sexualidade,

retratada nos mitos de origem do Brasil colonial e do modelo de família patriarcal imposto, como um pilar da cultura do Brasil contemporâneo (Parker 1991).

É válido ressaltar, entretanto, que este estudo não abarcou somente as lesbianidades, isto é, práticas e relações de sociabilidade de mulheres que se identificam como lésbicas, todavia amplia esta discussão para outras categorias como a de mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM)<sup>15</sup>, as entendidas (conforme autodefinição), entre outras possibilidades, para que não se torne limitado, em virtude do fato de muitas mulheres manterem práticas homoeróticas, sem se identificarem como lésbicas.

Ao discutir as identidades, Tânia Navarro Swain (1999) questiona se a necessidade de uma identidade não se dá em exigência a uma estrutura binária? E ainda sustenta a ideia de não haver possibilidade de traçar um perfil de mulheres lésbicas tendo em vistas que as experiências não são homogêneas. E afirma também:

É muito fácil cair no essencialismo quando se reivindica uma identidade, quando se liga o ser à uma prática, à uma atração, à um gosto, nem tão particular assim. Uma definição já é uma delimitação, é cercar um espaço que logo dará origem à novas exclusões. (1999:118-119)

O que se pretendeu problematizar, tanto na perspectiva da construção identitária enquanto estratégia política, quanto no que se refere à invisibilidade das relações entre mulheres é o respeito por todas essas possibilidades de relação afetivo-sexual entre pessoas, e que aqui serão apresentadas nas narrativas das interlocutoras, sem importar com gênero ou padrões cunhados de preconceito e exclusão social. E assim se deu a decisão em trabalhar com a autodefinição apresentada pelas mulheres entrevistadas.

Para dar embasamento a tal assertiva cita-se Nádia Meinerz (2008:126), que discorre sobre o porquê de utilizar o termo “parceria afetivo-sexual” em seu trabalho, sendo esta bastante convincente na explicação ao mostrar que se usarmos algumas categorias bastante debatidas nos estudos de relacionamentos entre mulheres - lésbicas, homossexualidades – também podemos falar de referências de identidades.

---

<sup>15</sup> “MSM” é uma sigla utilizada no âmbito da saúde pública, no contexto do enfrentamento à feminização da Aids. Ver Brasil (2009).

Portanto, percebe-se que o objetivo da autora, é exatamente deixar “de lado” as referências identitárias, optando pela experimentação de uma abordagem mais frouxa em termos conceituais, através do recurso ao termo “parceria afetivo-sexual”, e assim contemplar a diversidade de mulheres que se relacionam com mulheres através de matizes diversas. Daí tal abordagem apor-se às afirmativas e intenção proposta neste trabalho.

A minha opção em me referir às interlocutoras como “mulheres com relacionamentos afetivo-sexual com mulheres”, também se concentra em fazer uma abordagem mais frouxa em termos conceituais, para que tal qual Meinerz eu possa contemplar a diversidade sexual encontrada nas entrevistadas, principalmente nas que não requerem uma identidade sexual definida, conforme as que costumeiramente são usadas no campo acadêmico ou no âmbito dos movimentos sociais.

Foi encontrado em outros estudiosos da temática em questão este tipo de abordagem, como por exemplo em Facchini (2008b), que, embora não tenha a intenção de fazer uma abordagem “mais frouxa em termos conceituais”, pretendeu também na sua reflexão sobre políticas públicas de saúde voltada às mulheres que tem relacionamento afetivo-sexual com mulheres, ampliar as possibilidades existentes em relações entre “mulheres que gostam de mulheres”.

## **1.2 As pesquisas realizadas no campo dos estudos de gênero e sexualidade**

E mister afirmar que os trabalhos voltados para o estudo da sexualidade (e especificamente da homossexualidade) no Brasil aumentaram, e como afirmou Louro (2004: 27) “Nos dois últimos séculos, a sexualidade tornou-se objeto privilegiado do olhar dos cientistas ...” entre outros. Todavia, as pesquisas sobre as relações afetivo-sexual entre mulheres ainda requer certa atenção.

Juliana Perucchi (2001) desenvolveu pesquisa para o mestrado de Psicologia da UFSC<sup>16</sup>, a pesquisadora utilizou a metodologia da etnografia da área da antropologia, por acreditar ser esta uma forma eficaz de apresentar melhores resultados para o trabalho realizado. Embora a análise da autora se utilize dos referenciais da sua área de estudo –

---

<sup>16</sup> Universidade Federal de Santa Catarina

psicologia – acredita-se que a dissertação desta pesquisadora contribuiu para esta pesquisa e composição desta dissertação, bem como para o debate da temática.

Por se tratar de um trabalho que investigou e refletiu sobre o homoerotismo feminino, com uma abordagem de outra área de estudo, entretanto, também sob a ótica da antropologia, e em um contexto sulista – Florianópolis – que permite se fazer uma comparação de realidades que a princípio me parecem bastante diferenciadas. Ao trabalhar sociabilidade lésbicas, analisando a partir da categoria dos guetos, ela mostrou como se dão as relações homoeróticas femininas, as identidades, nestes espaços.

Facchini (2005, 2008) realizou extensa pesquisa no contexto paulistano com excelente reflexões sobre interseccionalidades entre/de marcadores sociais da diferença para sua tese de doutorado. A obra mais conhecida e de suma importância para o estudo da homossexualidade é o livro *Sopa de Letrinha* resultante da dissertação de mestrado, onde a autora faz um histórico do movimento homossexual no Brasil.

Contudo, a tese de doutorado da estudiosa intitulada “Entre Umas e Outras” é uma etnografia realizada com mulheres que tem práticas eróticas com mulheres, e tal trabalho aportará de forma muito colaborativa e satisfatória. Neste trabalho foi encontrado nela um pensamento nem sempre comungado por todos, mas muito bem aceito para este trabalho.

Esta autora também tem trajetória política-militante de longo período, e reconhece em sua tese que nem todas as mulheres com práticas eróticas e/ou afetivas com mulheres, designam-se ou podem ser designadas como lésbica, sendo assim, esse pressuposto serve como aporte teórico muito interessante para este trabalho, pois coaduna com a ideia central do trabalho que não visa discutir lesbianidade, ou pelo menos não somente a lesbianidade.

E como Facchini expressou-se para o entendimento da escolha da categoria usada, percebi que esta autora sinaliza no mesmo sentido em que seguiu a composição das entrevistas utilizadas neste trabalho, tendo em vista que somente duas das oito entrevistadas se autodefiniram como lésbicas, e como colocou a autora, “o uso da categoria “mulheres com práticas homoeróticas” teve como objetivo único, ampliar a possibilidade de diversificar” (2008:41), e assim entendi o campo de pesquisa aqui realizado.

[...] a escolha da categoria “mulheres com práticas homoeróticas” procurou evitar os problemas relativos à possibilidade de descompasso entre comportamentos e identidades sexuais, garantir a maior diversidade possível na composição do conjunto de entrevistas e possibilitar que a questão mais complexa da identidade – sua relação com as práticas e seu impacto sobre o problema estudado –, pudesse ser compreendida a partir da perspectiva dos sujeitos sob estudo. (2008:41)

Lacombe (2007, 2009) realizou pesquisa para o mestrado e tese de doutorado, no contexto do Rio de Janeiro, e discutiu o privado e o público na construção das homossexualidades femininas, com base em etnografias realizadas entre mulheres lésbicas, em espaços de sociabilidade de mulheres lésbicas como campo privilegiado para a realização das pesquisas. Evidencia as denominações atribuídas à homossexualidade feminina, as performances corporais constituintes e construções de masculinidades que permeiam o corpo de mulheres.

Lívia Toledo (2008, 2013) trabalhou a temática das lesbianidades em cidade do interior de São Paulo no mestrado (2008) e posteriormente no doutorado (2013). Para dissertação verificou como essas mulheres construíram suas subjetividades; e para doutorado continuou pesquisa do mestrado, aprofundando-a, inclusive se inserido neste trabalho com a narrativa da própria vida, e verificando como foi construído o processo de desejo, registros de (in)visibilidade social, e de construção das relações homoeróticas dos biocorpos femininos.

Toledo (2008:12), também justifica sua escolha do termo cunhado por Jurandir Costa no mesmo sentido que faço, para referir-se “*especificamente a essas mulheres que se assumem como lésbicas, bem como a qualquer mulher com relações/práticas/sentimentos homoeróticos.*” Ressalta a ideia que o autor:

[...] utiliza para descrever as diversas possibilidades de práticas, atrações, sentimentos, fantasias e desejos entre pessoas de mesmo sexo biológico, indo, portanto, além de uma identidade que por séculos foi estigmatizada. Este, portanto, nos permite uma amplitude maior de compreensão, seja do desejo de mulheres assumidamente lésbicas, seja da própria sexualidade feminina

Meinerz (2011) realizou pesquisa sobre relacionamento entre mulheres que resultou em sua dissertação de mestrado e que posteriormente foi publicado pela editora da UERJ<sup>17</sup>, e voltou a utilizar a temática para tese de doutorado. Na obra *Entre Mulheres*, Nádía Meinerz, pesquisou etnograficamente relações homoeróticas femininas em segmentos médio urbanos na cidade de Porto Alegre.

Neste trabalho a autora debate a relação afetiva-sexual entre mulheres, e analisa os dados coletados em participação nos espaços de sociabilidade destas mulheres e, posteriormente, em conversas informais e entrevistas semi-estruturadas, tudo isso à luz dos estudos realizados principalmente no Brasil, nas áreas da sexualidade, gênero e da antropologia da década de 90.

Outros trabalhos, que também ajudaram a pensar este tema já despontam em outros cenários do país; na região Nordeste se tem a dissertação de Jainara de Oliveira (2014), que fez pesquisa na cidade de João Pessoa na Paraíba, ela faz uma abordagem bastante pertinente quando se pensa em relacionamentos entre mulheres, ainda que ela tenha a preocupação mais direcionada com a área da saúde, o debate sobre as possibilidades sexuais das entrevistadas se aproxima do foco deste trabalho.

Oliveira (2014), teve como interlocutoras mulheres com diferentes formas de se relacionar afetivo-sexualmente, com isso optou por Jurandir Costa para corroborar com seu estudos.

Esse recorte conceitual a partir do conceito de homoerotismo corrobora com as incursões teóricas que se pretendeu desenvolver no decorrer desse capítulo, na medida em que, ao fazer uso dessa categoria, se quer referir às possibilidades que os sujeitos têm de estabelecer relações afetivo-sexuais com outros sujeitos do mesmo “sexo”. (Oliveira 2014:63)

Pâmela Reis (2015) de Teresina, no Piauí, construiu uma discussão muito bem detalhada sobre redes de sociabilidade entre mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente entre mulheres, de Teresina-PI e de São Luiz-MA. Trabalhando com trajetórias de vidas, desvendou os afetos e desejos das interlocutoras, pensando estas relações em rede a partir da série *The L Word* e através da rede apresentada na obra fílmica.

---

<sup>17</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Estas obras, além de muito importantes para a construção deste trabalho, permitem que o desenvolvimento da temática siga por este caminho, embasando-se teoricamente em trabalhos assim para estudar esta temática, pois são pesquisas que fizeram um estudo minucioso sobre as relações afetivas-sexuais entre mulheres e em contextos geográficos diferenciados entre eles e também diferenciado do contexto da cidade de Belém do Pará, no extremo Norte do país, onde foi realizada esta pesquisa para dissertação de mestrado na área da antropologia.

Dessarte é possível perceber que o cenário de produções acadêmicas com esta temática começa a se modificar, no entanto quase que com unanimidade as autoras citadas acima, evidenciam em seus trabalhos que as pesquisas sobre relacionamentos vivenciados entre mulheres são mais raros no âmbito acadêmico do que pesquisas que trabalharam com as relações afetivas-sexual entre homens, ou mesmo sociabilidade entre homens com mulheres, e homens com homens.

Embora para a maioria das interlocutoras deste trabalho a questão da identidade de gênero, bem como a identidade sexual não apareça em suas falas nos referidos sentidos, e independente do meu entendimento de que a identidade é uma questão de grande importância para visibilidade e conquista de direitos reivindicados pelo Movimento LGBT, percebe-se que ela se dá no plano da construção simbólica. Nesse sentido, utilizando-me de Rogério da Silva Martins da Costa (2007) aponto que:

[...] a discussão sobre identidade sexual, na realidade, está num plano de construção simbólica em que intervêm valores e concepções de mundo que extrapolam o âmbito da sexualidade, portanto, a identidade sexual não é uma mera descrição das práticas, nem está diretamente associada a comportamentos específicos. (2007:124)

Pautando-se em Rogério da Costa (2007) é interessante também destacar que existe grande diversidade de denominações às pessoas que praticam sexo com pessoas do mesmo sexo. Tem-se a tentativa aqui de expor algumas denominações dadas no plano externo, bem como no interno - “o universo nativo” - sabendo-se que estas dependem de várias representações sociais como classe, etnia, religião, geração, ideologia, entre outros que se originaram também de escolas da saúde, psicologia, sexologia, etc.



Essas são algumas das denominações mais conhecidas no âmbito local estudado: lésbica, homossexual, entendida, sapatão, sapata, sapa, caminhoneiras, homenzinho, mulher-macho, machadão, “paraíba”, fanchona/*lady*, cola-velcro, racha, *femme/butch* ..., entre outras, ou melhor muitas outras que aparecem no dia-a-dia destas mulheres.

Todavia, questiona-se então, mas o que estas denominações significam exatamente? Lenise Borges (s/d:4) em artigo que visa discutir sobre termos utilizados pela mídia, se utiliza de autores como Rajagolapan (2003) e Bakthin (1992) para afirmar que no ato de nomear há juízo de valor e de poder.

Percebe-se, como se afirmou nos termos acima citados, que estas denominações que ora nominam, ora também tentam hierarquizar, e com isso podem denotar preconceitos arraigados em nossos valores e cultura, por isso se faz necessário ter cautela e prudência ao fazer estas denominações.

É possível considerar que em algum momento da vida será necessário se reportar a estas pessoas “tão diferentes” em suas particularidades e ao mesmo tempo “tão iguais” em suas obrigações, seus deveres e principalmente em seus direitos, sendo assim, é importante conhecer as formas nominativas e assim ser respeitoso em nossos direcionamentos.

Sobre a construção das relações, sabe-se que acontece num contexto permeado por uma construção histórica do dispositivo da sexualidade (Foucault 1988) que impinge às práticas afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo e marca com o estigma da anormalidade, do desvio e da dissidência; Miskolci (2002/2003), sociólogo brasileiro com larga experiência em pesquisas na área de sexualidade e nas relações entre corpo, identidades e subjetivações, assim se manifesta sobre esse particular:

Os anormais se caracterizam principalmente por sua forma de viver. Os gays, por exemplo, não seguem o fim da reprodução social ou biológica e, apesar do forte estigma que ainda os marca, têm o potencial de colocar em cheque os fundamentos da ordem vigente e subvertê-la. (2002/2003:123)

Foi possível perceber nas interlocutoras através de suas falas, muitos foram os problemas que foram enfrentados em suas vivências homoeróticas e principalmente na publicização destas vivências, logo, isso se deu por causa da lógica binária heteronormativa,

que delimita (binariamente) os comportamentos e coloca à margem relações orientadas para homossexualidade.

A conduta afetivo-sexual é ordenada por uma heterossexualidade compulsória (Rich 2010), em que cada pessoa é definida, é enquadrada no padrão de conduta afetiva e sexual considerada saudável e normal, ou é considerada uma desviante e marginalizada, onde ou você é uma coisa ou outra, ou gosta de uma coisa ou de outra, e com tais afirmativas, indubitavelmente, ainda fixa-se papéis sexuais exclusivamente femininos ou exclusivamente masculinos. Para Adriene Rich (2010:19) a heterossexualidade é *“uma instituição política que retira o poder das mulheres”*, que faz das mulheres propriedades emocional e sexual, e assim a autonomia destas é considerada ameaça à igreja.

Tal análise advém dos comportamentos prescritos a partir do sexo biológico, e por isso, acaba suprimindo desejos e vontades que se oriente em sentido contrário ao que se é pré-determinado como “natural” ou como o “normal”. Com isso, a transgressão no sentido de quebrar, de atravessar uma linha imaginária, porém existente, se faz passiva às críticas e considerações marginalizadas e por isso invisibilizadas.

Entretanto, se compreendermos que a liberdade para expressão da sexualidade, por meio de variadas formas, é uma questão de direito, que deve ser respeitada e garantida, compreenderemos, então, que esta lógica que regula a vida social, impondo uma norma reguladora da sexualidade também viola os direitos humanos de quem se permite viver e ser feliz por outras possibilidades diferentes, que particularizam e singularizam vivências, valorizando a diversidade sexual (Souza Jr. 2011).

A diversidade sexual pode ser compreendida como a valorização e o respeito às possibilidades de “arranjos” que as pessoas estabelecem a partir das múltiplas formas que o desejo pode assumir, seja de mulheres que gostam de homens, seja de mulheres que gostam de mulheres, ou de homens que gostam de homens etc., desde que haja respeito e mútuo consentimento todos esses “arranjos” são possibilidades e existem.

Assim sendo, as relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo ou do mesmo gênero são somente mais uma possibilidade de relacionar-se afetivo-sexualmente; assim como a heterossexualidade é somente uma possibilidade, e não a única. Por isso

entende-se que compreender a sexualidade dessa forma múltipla e variada é o primeiro passo para dissipar preconceitos.

Essa diversidade é hoje discutida e dividida em identidades políticas conhecidas como LGBT<sup>18</sup> (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais); essas identidades são derivadas especificamente da construção histórica do Movimento LGBT no Brasil (Facchini 2005), porém há outras categorias que se apresentam na literatura especializada, como *homens que fazem sexo com homens (HSH)*, *mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM)* etc.<sup>19</sup>. Mesmo que por vezes se esteja referenciando identidades políticas neste trabalho, é fundamental neste momento declarar que as interlocutoras em sua maioria não se expressaram neste sentido político da discussão.

Pois, entende-se que a homossexualidade pode ser compreendida, de uma forma geral, como as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero, e que também compreende uma variedade de possibilidades e de arranjos de relacionamentos sexuais, e ainda na emoção do amor entre elas, como se configurou presente em declarações feitas em entrevistas realizadas.

E também nesse sentido observou Jainara de Oliveira nas narrativas de mulheres de João Pessoa – PB, que foram estudadas por ela para a dissertação do mestrado. Oliveira (2015:98; 2015b:21) aponta que “mulheres se relacionam por uma escolha pautada em critérios afetivos”, mas “também relatam que procuram sexo sem afeto”, assim como observou-se nas interlocutoras deste trabalho realizado na cidade de Belém - PA.

Como exposto anteriormente, na atualidade trata-se a diversidade sexual a partir das categorias sexuais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e que isso se deu por uma construção histórica do movimento social organizado, no entanto, com o passar do tempo, pessoas não se sentiam representadas e visibilizadas a partir de uma categoria comum, como então era denominado no movimento homossexual.

Nesse sentido, inicialmente as mulheres às quais se sentiam excluídas pelos próprios homens gays, procuraram ter maior visibilidade, o que levou que incluíssem a

---

<sup>18</sup> Sigla aprovada para utilização em Assembleia da I Conferência Nacional LGBT, realizada em Brasília de 05 a 08 de junho de 2008, referindo-se, portanto, a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

<sup>19</sup> “MSM” é uma sigla utilizada no âmbito da saúde pública, no contexto do enfrentamento à feminização da Aids. Ver Brasil (2009).

palavra lésbica na própria denominação do movimento (movimento de gays e lésbicas), para que assim as especificidades das relações afetivas entre mulheres ganhassem maior visibilidade. (Facchini 2008)

Como discorrido anteriormente, neste trabalho sobre a temática de mulheres que se relacionam com mulheres afetivo-sexualmente, nem todas se enquadram em uma categoria ou identidade existente, no entanto a obra de Peter Fry e Mc Ray “O que é Homossexualidade” contribuem para o entendimento desta discussão, os autores argumentam que:

**O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo.** Assim, ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiiqui do Paraguai. Com este mesmo raciocínio, a homossexualidade pode ser uma coisa para um camponês do Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do Estado de São Paulo em 1982 e, de fato, tantas coisas quanto os diversos segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea. (1985:7; grifo meu)

Pela exposição dos autores, vê-se que tratar de (homo)sexualidade é sempre ter a atitude mental de compreendê-la a partir da matriz da diversidade. As particularidades das relações afetivas e sexuais entre mulheres dizem respeito, inicialmente, a um contexto social em que a misoginia e a reificação das mulheres como objetos sexuais, as tornam sujeitas a uma série de violações, violações estas que foram observadas nas trajetórias da vida sexual das minhas interlocutoras.

Por isso ressalta-se que assumir-se lésbica em uma sociedade que impõe como norma de conduta a heterossexualidade implica também em enfrentar uma luta diária contra os preconceitos reproduzidos neste contexto, que considera as práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo e/ou gênero um comportamento “anormal” e “desviante”, limitando à legitimidade as relações e práticas heterossexuais.

Sendo assim, ainda que as interlocutoras não se identifiquem exatamente com a identidade de mulheres lésbicas, por se relacionarem com pessoas do mesmo sexo/gênero são apontadas em seus espaços de convivência como lésbicas, ou quaisquer umas das outras definições que foram referenciadas anteriormente e que fazem menção às mulheres lésbicas.

Importa saber que uma categoria de análise importante para este trabalho é sobre o “armário” (Sedgwick 2007), este “armário” que pode ser compreendido como um dispositivo de regulação e um mecanismo de opressão para quem ele é imposto, isto é, para gays e lésbicas, como explicita a autora citada; trata-se, mais especificamente, da postura deliberada de não tornar pública sua identidade sexual<sup>20</sup>, mesmo que todos saibam, todos comentem “nos corredores”, mas abertamente não se permite a expressão senão daquela conduta que é a única tida como legítima: a heterossexual.

As mulheres aqui entrevistadas, mesmo que não vivam em um armário totalmente fechado, dependendo do momento, do local e das pessoas, adentram este armário de forma a se “adequar” ao que o momento requer e assim conduzir a visibilidade ou invisibilidade de suas relações da forma que for mais viável para a “boa convivência”.

Ainda acerca do “armário”, Miguel Vale de Almeida explica de forma direta permitindo entender que :

*“O “armário” é a mais conhecida metáfora dos problemas subjectivos, sociais e políticos da homossexualidade enquanto categoria de identidade e discriminação. Estar no armário significa não assumir perante outros a sua orientação sexual.” (2009:14)*

A teoria do “armário” tem bastante importância para esta pesquisa, por mostrar que a invisibilidade das mulheres nestas relações é um reflexo do preconceito impingido pelos padrões heteronormativos impostos, que faz com que se pense na heterossexualidade como única possibilidade “natural” da sexualidade humana. Vale dizer que podem existir outros “armários” particulares na vida de cada uma, e que podem ser discutidos no desenvolvimento deste.

Nesse sentido, Glauca Almeida (2005) mostra como foi construída, a partir do advento da AIDS, a trajetória de atenção à saúde das mulheres, focadas numa exclusiva preocupação com a reprodução, relegando a homossexualidade feminina à invisibilidade, acentuada ainda mais com a AIDS e a construção falaciosa de que lésbicas estariam infensas ao contágio. Assim, Almeida propõe a necessidade de se evidenciar a vulnerabilidade das

---

<sup>20</sup> Para maiores desenvolvimentos, ver Sedgwick (2007).

mulheres lésbicas, numa tensão necessária entre práticas sexuais e identidade lésbica frente às DST/Aids.

A questão da saúde sexual de mulheres lésbicas vale dizer na verdade, a questão médico-ginecológica de mulheres que tem práticas homoeróticas não é levada em consideração e recai em mais uma forma de invisibilidade tanto nas grades curriculares da área da saúde como em uma simples e tão importante visita aos médicos ginecologistas, que levam em consideração somente a vida reprodutiva das mulheres, considerando mulheres com atividades homoeróticas infensas às DST/AIDS e ao câncer uterino (Quaresma 2009).

Portanto, tal conduta nos remete ao desconhecimento, preconceito e a ausência de políticas públicas para este segmento. Com isso, algumas interlocutoras apontaram sobre a dificuldade em se manter por muito tempo com um/uma profissional da ginecologia, e de se pronunciar como mulheres que fazem sexo com mulheres, perante aos profissionais desta área. Segundo três das entrevistadas (e também me incluo nesse comportamento) que fizeram referência sobre o atendimento ginecológico, não conseguiam verbalizar com naturalidade a prática sexual homoerótica, pois os profissionais logo consideraram a prática sexual heterossexual como sendo a vivenciada pelas entrevistadas.

Como apontou a enfermeira Firley Lúcio (2017), o receio de rejeição e preconceito, a falta de ambiente propício e de preparo do profissional para tal atendimento torna um grupo específico de mulheres – lésbicas, bissexuais e mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM) – excluídas, invisibilizadas; relegando-as de terem um tratamento necessário à todas as mulheres, por não conseguirem fazer o atendimento em outra perspectiva que não seja o viés heterossexual, deixando assim de dar atenção às suas especificidades ginecológicas.

Destarte se faz bastante pertinente a observação feita por Jainara Oliveira (2011):

O “corpo lésbico” e os discursos a respeito da prática homoerótica feminina precisam sair da invisibilidade a que estiveram historicamente submetidos. Para que essas mulheres possam receber informações e cuidados relativos à saúde e deste modo, desfrutar das suas escolhas eróticas ou reprodutivas, sem risco a saúde. (2011:4)

Das diversas possibilidades de viver a sexualidade e de suas performances, várias são as formas de vivenciá-las e a prática sexual entre mulheres é apenas uma possibilidade entre as muitas existentes. E esta prática homoerótica além de atingir um alto nível de invisibilidade, também sofre conotações diferenciadas das demais práticas homoeróticas, a exemplo citamos uma: o fetiche masculino em observar e até o desejo em participar do ato sexual com duas mulheres, que retrata a representação de objeto sexual que às mulheres é imposto.

A exemplo disto, como foi relatado por umas das duas entrevistadas que se relacionaram sexualmente *“o taxista se ofereceu para participar da brincadeira, e se não fosse pela Valéria, eu faria o maior barraco com ele”* (disse Alcione). Esta prática sexual é bastante utilizada em filmes pornográficos que são voltados ao público masculino, sendo assim considerado um fetiche.

E como afirmou Luciana Fogaça Monteiro et al, as *“Práticas homoeróticas entre mulheres povoam o imaginário erótico masculino”* (2011:126). E continuou declarando:

Dessa forma, as relações homoeróticas entre mulheres são frequentemente vistas mais como uma forma de seduzir os homens do que como uma prática que não os requeira ou não os diga respeito, uma vez que o *script* padrão dos filmes eróticos inicia com uma cena de carícias entre mulheres, mas termina com a chegada do homem e a penetração. Assim, o que aparece é que a norma heterossexual/sexista apropria-se do erotismo homossexual feminino, esvaziando-o de sentido para torná-lo mais um elemento do fetiche masculino. (2011:26)

Apesar de percebermos uma mudança nos padrões sociais protagonizados sobre a sexualidade vivida por mulheres e homens, ainda observa-se que a sexualidade é pensada, influenciada e construída socialmente a partir de princípios religiosos, e precisa ser repensada por diversas áreas, mais especificamente pelas Ciências Sociais/Antropologia de forma mais desapegada dessas normas heterossexuais que estão instituídas.

E mesmo nos dias atuais as relações sexuais são pensadas pela sociedade como forma de procriação, visão esta criada a partir de uma moral cristã/judaica que produziu preconceito e condenação religiosa aos que tem práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, e não reconhecem nesta mais uma possibilidade efetiva de afetividade e sexualidade no relacionamento humano.

## 2 MULHERES QUE SE RELACIONAM AFETIVO-SEXUALMENTE COM MULHERES

“transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico” (Da Matta 1978:28)

Neste capítulo, expõe-se como se aplicou a metodologia para realização da pesquisa. E também se apresenta as interlocutoras deste trabalho e um pouco da história destas, entendendo-se porque elas participam deste trabalho.

### 2.1 Metodologia, técnicas e instrumentos utilizados

Para nortear os caminhos que foram percorridos para realização deste trabalho indicam-se alguns trajetos utilizados como o método, a técnica e instrumentos empregados. Portanto, nesta pesquisa, desde o início e durante o desenvolvimento foram realizadas pesquisas bibliográficas; além disso, pesquisa documental relevante para o tema, tendo como prioridade o debate antropológico acerca da sexualidade e gênero. Concomitante, a realização do desenvolvimento da pesquisa de campo, com observação direta e entrevista pautada na prática antropológica etnográfica.

A partir da construção da trajetória de vida das interlocutoras, que são mulheres que tiveram ou têm práticas homoeróticas e/ou se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres, é que se constituem subjetividades a partir ou fora de identidade construídas coletivamente.

Para Guitta Grin Debert (1986:141) *“a coleta de relatos orais é praticamente insubstituível”* e pode preencher um vazio intransponível onde há escassez de informação, como se pode afirmar neste tipo de relação entre mulheres, em que já foi visitada pela área de saúde, a da conjugalidade, os espaços de sociabilidade, entretanto na relação afetivo-sexual que incluam mulheres, em que estas não se identificam como homossexuais ou com a identidade lésbica, são estudos em quantidade demasiadamente menores na prática



acadêmica de pesquisa sobre sexualidade, como observamos anteriormente sobre os trabalhos com mulheres em geral.

Esta assertiva, não é um estudo recorrente, principalmente no contexto de universidade (e da UFPa), embora se reconheça que vem sendo estudada esta temática em contextos de outras regiões do país, como apresentado e servindo de embasamento também neste trabalho.

Quanto ao uso da metodologia da trajetória de vida, é observado por Paulo Renato Guérios (2011:8) que se utiliza de Revel (1988) e Bensa (1988) para afirmar que a:

{...} microhistória coloca em destaque o fato de que a análise microssocial é esclarecedora porque é a mais complexa, ou seja, porque leva em consideração a complexidade das escolhas dos atores permitindo, ao mesmo tempo, distinguir os diferentes níveis de contextos pertinentes para a análise. (2011:8)

De acordo com afirmação acima, entende-se que esta metodologia é muito bem utilizada juntamente com a metodologia qualitativa.

Neste trabalho foi utilizada também a metodologia de pesquisa qualitativa por entender que o tema requer este modo, pois se entende segundo Minayo (1994, p. 21-22), “[...] com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser traduzidos à operacionalização de variáveis”.

Utilizando a ideia do ciclo de pesquisa, observado segundo a autora supra citada (1994, p. 26); foi feita a fase da *exploratória da pesquisa*, onde se pensa sobre toda a construção do trabalho (objeto, pressuposto, teorias pertinentes, metodologia relevante ...).

A seleção das interlocutoras foi feita a partir de indicações de amigas e amigos do meu convívio pessoal, indicado pelas interlocutoras. Como critério de seleção foi utilizado o fato destas interlocutoras terem tido ou estarem tendo relações afetivo-sexual com mulheres, e ainda, que estas estejam em maioria absoluta estabelecida pelo Código Civil Nacional.

Acredito que não delimitar faixa etária das interlocutoras permite que se tenha uma maior diversidade nas experiências vivenciadas e ainda que se tenha um perfil mais amplo e diverso destas mulheres. Com isso a realização de entrevistas com mulheres com certa diferença geracional mostra uma gama diversa no comportamento afetivo-sexual que também identifiquei como uma questão cultural e com influência geracional.

Como técnicas para realização da pesquisa, o início se deu com conversas informais, todavia estas foram balizadoras para inclusão ou exclusão da interlocutora. Com as entrevistas abertas e mais a utilização de um roteiro para nortear, importando não seguir exatamente a sequência deste com o intuito que desse maior naturalidade à “conversa”, além de propiciar um melhor entendimento de que condições identitárias e de gênero as entrevistadas se autodefinem, e ainda para saber como o preconceito à homossexualidade está influenciando seus comportamentos sexuais e sociais.

Como instrumentos importantes para realizar o campo de pesquisa, adoção do caderno de campo, que acompanhou desde o início da pesquisa, mesmo nas conversas informais, até às conclusões. E roteiro de entrevista, construído de forma experimental antes das conversas informais serem realizadas, e que após as conversas sofreu modificações e inserções, que não causaram muita alteração no objetivo cunhado ao roteiro, mas que com certeza complementaram para um melhor funcionamento deste.

A utilização de aparelho de gravação de voz também fez parte do trabalho em campo, porém, somente após maior aproximação e confiança das interlocutoras para com a pesquisadora, que no geral, aconteceu a partir do terceiro encontro, onde já foi estabelecido uma boa comunicação.

Ainda e além se estabeleceu uma relação de confiança entre pesquisadora e interlocutoras, e assim foram utilizadas as ferramentas para condução da pesquisa, observando-se desde que tenha sido autorizado pelas interlocutoras, como instrumento relevante para a realização da metodologia de trajetória de vida.

Sendo assim, para o regular desenvolvimento desta pesquisa foi importante adequar as técnicas e instrumentos metodológicos à realidade investigada, utilizando, nesse processo, uma boa comunicação, linguagem acessível, objetividade, simplicidade no trato com as entrevistadas, de forma a estar livre de juízo de valor e ideias pré-concebidas acerca

das sexualidades, homossexualidades, lesbianidades, MSM e quaisquer categorias em que possam ser inseridas.

## 2.2 O campo e as Interlocutoras

Pesquisa realizada na cidade de Belém, outrora chamada de Feliz Lusitânia e posteriormente Nossa Senhora de Belém do Grão Pará. A história da cidade se confunde com a do próprio estado do Pará<sup>21</sup>. Localizada ao extremo norte do Brasil. Com população estimada para o ano de 2016 em 1.446.042 habitantes, em uma área territorial de 1.059,458 km<sup>2</sup> (em 2015), e densidade demográfica 1.315,26 hab/km<sup>2</sup>. Conforme dados informados em site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>22</sup>.

Embora seja importante conhecer tais dados para perceber as dimensões desta cidade, é interessante conhecer Belém – a cidade morena (também conhecida como cidade das mangueiras), através de trechos do texto da antropóloga e professora do PPGA/UFGA, Dr<sup>a</sup> Jane Felipe Beltrão que nos contempla em primoroso e convidativo texto poético com informações sobre a história, a cultura, o clima, as comidas, espaços de lazer, a nova e antiga arquitetura urbana, e ainda sobre os importantes rios desta cidade.<sup>23</sup>

Chegue de mansinho e saia caminhando sob os túneis de mangueiras. Deixe sua imaginação voar, não se preocupe com a chuva miúda, pois ela faz parte de nosso cotidiano tropical: quente e úmido. Se for chuva graúda, abrigue-se sob pena de ficar molhado pelas águas do norte, mas não se moleste, elas passam logo dizem os antigos. Hoje, não sei não, o tempo mudou!

---

<sup>21</sup> Em 12 de janeiro de 1616, a cidade de Belém foi fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco. Lançou os alicerces da cidade no lugar hoje chamado de Forte do Castelo. Ali edificou um forte de paliçada, em quadrilátero feito de taipa de pilão e guarnecido de cestões. Essa fortificação teve inicialmente o nome de Presépio, hoje o histórico Forte do Castelo. Nesse período ocorreram guerras, em decorrência do processo de colonização através da escravização das tribos indígenas Tupinambás e Pacajás e da invasão dos holandeses, ingleses e franceses. Em 1650, as primeiras ruas foram abertas, todas paralelas ao rio. Em 1676, chegaram, da ilha dos Açores, 50 famílias de agricultores, no total de 234 pessoas. Elevado à categoria de município com a denominação de Santa Maria de Belém do Pará, em 12-01-1616.

<sup>22</sup> Dados atualizados retirados do site do IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150140&search=para|belem|infograficos:-informacoes-completas>. Acessado: 10/03/17

<sup>23</sup> Você não conhece a Belém Morena? Venha conhecer!. Disponível em: <http://www.cadaminuto.com.br/imprimir/noticia/222945/voce-nao-conhece-a-belem-morena-venha-conhecer> Acessado em 10/03/2017

Passando a chuva, deixe-se ficar em uma de nossas lindas praças: Batista Campos, de inspiração francesa; República, no burburinho do coração da urbe, de onde se pode vislumbrar o Theatro da Paz e o Teatro Waldemar Henrique. O primeiro é herança da época da borracha; o segundo, fruto do esforço de atores de teatro por um projeto experimental. Aprecie o movimento das gentes que passam apressadas, distraídas ou aquelas que, como você, busca o exótico para, aos poucos, torná-lo familiar, parte integrante de seus sonhos. (Beltrão s/d)

Após conhecer um pouco da história da cidade de Belém através da instituição IBGE, e por trechos das formosas palavras da professora Jane Beltrão. Saliento ainda que o circuito GLS da cidade compreende-se entre bares, boates e saunas, são de grande efervescência em Belém<sup>24</sup>.

Apresentam-se agora as interlocutoras desta pesquisa, que moram na Belém mostrada diferentemente acima.

Inicialmente foram acompanhadas histórias de cinco mulheres que vivenciam ou vivenciaram práticas homoeróticas; destas cinco duas saíram. Posteriormente entraram outras cinco totalizando assim dez interlocutoras, e com a saída de duas ficaram oito entrevistadas que fizeram parte da composição desta dissertação.

São de diversas idades com a intenção de manter maior diversidade possível, inclusive geracional, sendo que como critério adotado por mim nesta pesquisa não participaram interlocutoras com a idade abaixo da 18 anos, levando em consideração a maioria no Código Civil do Brasil ser 18 anos, e por eu entender que a delicadeza desta temática requer que seja discutida com mulheres que já estão na maioria civil.

Ao começar a realização da pesquisa com as interlocutoras, iniciou-se com conversas de forma que nos parecessem informal, como uma forma de estreitar os laços e adquirir a aproximação que se faz necessária para trabalhar com a sexualidade. Embora eu tenha explicado qual o meu interesse nesta “conversa informal”, fiz o possível para parecer o mais amigável e informal possível afastando a formalidade da prática da pesquisa acadêmica, para assim estabelecer um vínculo amistoso e de confiança. Contudo, como afirmei anteriormente, não tive como não utilizar o caderno de campo neste momento inicial, entretanto, só lancei mão deste instrumento após o pedido de autorização, sendo assim autorizado fiz uso do mesmo.

---

<sup>24</sup> Para maior desenvolvimento ver Silva Filho (2012)

No início explicou-se qual o trabalho de pesquisa, como seriam utilizadas as informações prestadas pela interlocutora a partir daquele momento, e conversei o máximo de tempo sem a utilização do caderno de campo e gravadores, contudo já neste momento explicava da necessidade e importância da utilização destes instrumentos nesta pesquisa; reiterei a garantia da utilização das informações dadas com o máximo sigilo quanto às identificações das interlocutoras, reafirmando assim o meu compromisso ético com o anonimato das mulheres entrevistadas.

Reforcei que tanto eu (como pesquisadora) quanto a entrevistada num segundo encontro agendado assinaríamos um termo de compromisso que garantisse este sigilo da minha parte, bem como a aceitação da entrevistada em participar na cessão de entrevistas que contribuiriam na construção da minha dissertação de mestrado em Antropologia.

Em alguns casos as entrevistadas eram mulheres que eu já conhecia anteriormente, mas também tiveram mulheres indicadas por pessoas do meu ciclo de amizade, por amigos da militância ou até mesmo por pessoas que ao saberem da pesquisa desejavam contribuir. Nem todas as conversas feitas como possibilidades foram mantidas como possíveis interlocutoras, e algumas não foram possíveis marcar um novo encontro.

Os encontros iniciais aconteceram em ambientes diversos, como bares com uma menor frequência e menor barulho externo, pois costumam atrapalhar o andamento da entrevista, em duas universidades públicas, e com as pessoas que eu tinha maior tempo de contato as conversas ocorreram na minha casa ou na delas quando houve uma condição boa de privacidade, e até mesmo no trabalho de três delas podemos realizar conversas direcionando para a composição da pesquisa.

No momento inicial da pesquisa ocorreram pontos que não haviam sido pensados no momento da construção do projeto de pesquisa, pela riqueza da temática estudada. Como foi utilizado tanto mulheres de relação sexual-afetiva exclusivamente homoeróticas, como mulheres com práticas sexuais homoeróticas e heterossexuais concomitantemente ou não, a diversidade nos relatos e as comparações entre tipos de relacionamentos se fez frequentemente presentes.

As pesquisas inicialmente foram consignadas com um pequeno registro no caderno de campo após o término da “conversa” e posteriormente as que foram retomadas em um

próximo encontro. Algumas vezes foram gravadas com equipamento de gravação de voz e anotadas em caderno de campo no momento da entrevista, sendo que foi mais fácil este uso com uma das entrevistadas que sempre mostrou bastante interesse em colaborar e que apresentou ótima desenvoltura no trato com a temática estudada.

A construção do termo de compromisso e do roteiro de entrevista que norteou a entrevista – e que se faz anexada neste trabalho - foi inspirada na pesquisa citada no início deste trabalho, que participei como entrevistadora, tendo em vista que foi um instrumento que contribuiu bastante na realização da pesquisa. E principalmente por perceber nas entrevistas realizadas naquele momento para aquele fim, que as mulheres se relacionavam homoeroticamente.

### **2.3 Apresentando as interlocutoras**

Valéria, tem 50. Ela é mãe e também é filha, mora com a mãe, com a filha, e atualmente com Carla, sua companheira. Era casada e hoje não é mais, quando iniciamos as entrevistas o marido de Valéria ainda residia na casa com ela, já estavam separados, mas ele ainda não aceitava a separação. Valéria foi exclusivamente heterossexual durante os 46 anos de vida, e atualmente como enunciou durante entrevista *“daqui por diante provavelmente nunca mais serei”*.

Valéria confessou que era amada e que também foi amante. Era aceita socialmente quando casada e hoje nem tanto assim. Após 18 anos de casamento com um homem, começou a sentir-se atraída e a relacionar-se com Alcione, uma mulher negra, “entendida” e que também estava em um relacionamento que *“não estava mais dando certo”* (segundo Alcione).

A partir daí Valéria não conseguiu mais se relacionar com o marido, que inicialmente não aceitou a sua nova experiência, bem como nem sua mãe e tão pouco sua filha aceitaram. Todo este contexto causou grandes problemas que tiveram que ser resolvidos em uma delegacia por tamanha proporção que a nova experiência causou, e Valéria temporariamente teve que morar no sul do país pela grande exposição pública de sua nova forma de se relacionar afetivo-sexualmente, e que causou grandes problemas no

relacionamento com a mãe. Retornou para Belém após um período de quase um ano, e hoje está com os problemas citados já solucionados, tem um bom relacionamento com a mãe e a filha, verbaliza estar bem feliz com Carla.

Quando teve que morar no sul, Valéria se relacionou com mulher e relatou que lá ela podia andar com a namorada de mão dadas na rua, na condução, e que até *“rolava uns beijinhos em espaço público porque as pessoas parecem aceitar melhor que aqui em Belém, não ficam olhando muito”*, e isso fez com que ela se sentisse melhor para se relacionar com mulheres, sem achar que isso era algo errado. E assim viu menos problema em continuar a vida afetivo-sexual desta forma, a forma que sempre reitera que viverá daqui pra frente em sua vida.

Fabíola tinha 28 (atualmente 32) anos ao começar a pesquisa; na ocasião morava com os pais, atualmente trabalha em outra capital e divide um apartamento com uma colega. Tem relações homoafetivas *“desde sempre”*, como manifesta em sua fala corriqueira – tanto em conversas sérias quanto ao fazer gracejos – e diz que nem pensa em ter uma relação de nenhuma ordem – sexual e/ou afetiva - com o sexo oposto. É exclusivamente lésbica, como a própria se identifica, por ser militante e entender a classificação política posta pelo movimento LGBT. Está namorando uma mulher mais jovem residente em Belém-Pa, com isso, Fabíola sempre que possíveis está em Belém, e em todas as folgas, férias e feriados, constantemente manifesta vontade de voltar para a cidade natal, no entanto esta realidade parece mais possível de acontecer com este amor que está vivenciando, as vindas à cidade são constantes e a possibilidade de retorno se tornou mais verdadeira.

Dalila tem 24, mora com uma pequena parte da família, vivencia em uma família de pais separados e que ainda assim compõem uma família hetero com características bastante tradicionais. Teve relações homoeróticas e diz *“que entende que vida sexual é assim mesmo, se te fizer bem tudo bem e não importa com quem, se te fizer feliz porque não deixar acontecer?”*, e como ela mesma afirma *“faz parte”*, e expressa que *“relacionamentos com mulheres é sempre mais complicado, rola muito ciúmes”*. Ainda mantém relações hetero e homo concomitantemente e acredita que relações livres podem dar mais certo do que a *“hipocrisia de relacionamentos monogâmicos, que na verdade nunca são totalmente monogâmicos”*, assevera que *“sempre vai rolar uma traição, porque se fossem*

*relacionamentos abertos não seria traição*". Passou um tempo estudando em outro estado e retornou a Belém, permitindo que a pesquisa fosse retomada.

Margreth, 35 anos, em sua forma de se expressar mostra muita delicadeza, no olhar, no tocar, no andar e mais ainda na forma de falar, mas em todos os momentos parece ser a "fortaleza" da família – mãe, duas irmãs, dois irmãos, e os "filhos" - três cachorros e dois gatos (que fazem parte da família como a própria fez questão de acrescentar) – pois, diversas vezes durante entrevistas havia interrupções para que Margareth resolvesse problemas da casa da família ou desmarcava pois teria compromisso desta ordem. Quando a conheci estava em um relacionamento estável com uma mulher que vou chamar de Leonice.

Quando iniciei as entrevistas, havia terminado o relacionamento que durou quatro anos. Antes de se relacionar com Leonice, ela se relacionou também durante quatro anos com um homem que por vezes em sua fala nas entrevistas, ela se referiu como "*meu marido*". No momento inicial da pesquisa ela acreditava que ele havia sido o grande amor da vida dela, esta relação não era vivida da forma conhecida convencionalmente – não viviam sempre juntos e na mesma casa, ele era adepto das relações livres e na época ela ainda avaliava se era viável para ela. Mas a relação que construiu com uma mulher (Leonice), foi "*arrebataadora*" (também definido pela própria), logo foram morar juntas e moraram por quatro anos sendo que no último já dividia sua amada com outra mulher. Na fase inicial da pesquisa, já separadas, ela se assumia literalmente apaixonada, e sempre disposta a retornar, mesmo nos momentos que pensava que não tinha mais condições deste relacionamento ser bom pra ela, ainda assim pensava estar disposta a voltar.

Atualmente Margareth está em uma relação estável com outra mulher, mais nova que ela, e muito resoluto ao ponto de fazer com que a relação tivesse um desenvolvimento muito veloz. Por vezes ela confidenciou-me que sentia saudade da primeira mulher que se relacionara, no entanto, após iniciar a relação atual rapidamente observei uma grande mudança na vida de Margareth, era a relação com Etienne que havia mudado tudo na vida dela. Construiu objetivos mais definidos de vida conjunta, de adquirir bens conjuntamente, e também confidenciou-me momentos de ciúmes, que eu jamais observara em outros relacionamentos que pude acompanhar vivenciado por Margareth.

Alcione tem 45 anos, tem uma filha de uma relação sexual casual na juventude, quando ela já se relacionava com mulheres e "*aconteceu, foi do momento*", assim explica o



momento em que engravidou. Em sua fala e algumas atitudes tomadas na convivência familiar em que eu pude acompanhar, pareceu-me muito decidida em suas escolhas, é um “esteio” para a família (mãe e muitos irmãos) reservando-se todos os cuidados com as questões familiares; esta interlocutora é a única que conheço desde a adolescência, momento em que já era muito impetuosa no sentido de que sempre tomou suas decisões e as viveu intensamente sem que as outras pessoas tivessem como questionar. Bem como participar como interlocutora nesta pesquisa também foi uma vontade dela quando conversávamos sobre a pesquisa, então a avalei como uma interlocutora interessante para manter a diversidade das entrevistadas.

Do tempo que conheci Alcione até hoje (quase 30 anos), já acompanhei quatro relacionamentos homoeróticos até o que ela está vivenciando atualmente e que ainda não completou um ano, mesmo sendo uma das pessoas mais populares que conheço e com muita vivência em festas e bares, habitualmente vive longas relações estáveis, costuma morar junto e também rompe com os preconceitos de famílias inteiras, pois sempre vive relacionamentos assumidos para todas as famílias das companheiras.

Ainda que seja envolvida em muitas lutas em comunidades e movimento de mulheres, sempre se identifica como “entendida” e não como lésbica, ao perguntá-la porque entendida e não lésbica, ela disse que não gostava da palavra em si, e que o som da palavra não entrava bem em seus ouvidos, porém entendia a importância política do termo, pois sempre que pode participa de atividades do movimento LGBT.

O termo “entendida” também foi encontrado em campo por outras pesquisadoras que a partir das suas entrevistadas sugerem ser este termo uma forma de “...suavizar o impacto da informação sobre a sexualidade para o receptor ou falar apenas “para quem entende””, como observou Facchini (2008:225)

Pensando no mesmo sentido de Meinerz (2008, 2011), percebeu-se que as parcerias afetivas e sexuais entre amigas é uma possibilidade, bem como o contrário. Embora eu não esteja trabalhando com o conceito de rede de lésbicas ou de sociabilidade lésbica, como no trabalho de Gallas e Reis (s/d), Meinerz (2008, 2011), e Gontijo e Reis (2014); é interessante apontar que entre algumas interlocutoras deste trabalho as relações se matizaram, como entre Dalila e Etiene, a atual companheira de Margareth; e também entre Valéria e Alcione, sendo Alcione a primeira mulher com a qual Valéria se relacionou e

que fez da história afetivo-sexual de Valéria ser interessante para estar presente neste trabalho.

Aline, está com 36 anos, cursa a segunda graduação, é branca, e está namorando pela primeira vez com uma mulher; mora com a mãe que por ser evangélica não aceita a homossexualidade de jeito nenhum, são bastante amigas mas tiveram muitos transtornos com essa vivência homoerótica de Aline, pois esta preferiu publicizar o relacionamento tal qual fez com os relacionamentos que teve com homens. Aline é uma interlocutora que sempre enfatizou a não identificação como lésbica, por entender-se estar vivenciando esta forma de relacionar-se, o que pra ela não a faz se identificar ou sentir-se uma mulher lésbica.

Simone tem 25 anos, e branca, tem mestrado, é bissexual, atea e feminista, gosta muito de cantar e tocar violão. Seu pai é pastor, todavia a mãe é católica, considera que teve uma educação muito tradicional, em que seus pais apoiaram os estudos e a criaram para *“ser feminina, casar e ter filhos”*, com isso, seus pais não aceitam sua sexualidade vivenciada com homens e mulheres.

Cassia, 25 anos, negra, tem mestrado, é lésbica, *“criada dentro do catolicismo rigoroso”*, ainda que afirme não ter religião frequenta a igreja quando seus pais exigem. Veio de cidade do interior do estado para estudar, e assim aconteceu, fez uma graduação e um mestrado, e atualmente cursa outra graduação. Se relacionou sexualmente relativamente tarde, pois sempre se dedicava aos estudos e então com quase 23 anos já fazendo o mestrado teve seu primeiro relacionamento e foi com mulher, e bem mais tarde e mais por curiosidade teve apenas uma relação sexual com homem.

## 2.4 Quadro descritivo sócio-econômico

Para uma visualização rápida e mais geral das interlocutoras:

	Valéria	Fabíola	Dalila	Margareth	Alcione	Aline	Simone	Cassia
Idade	50	32	24	35	45	36	25	25
Cor <sup>25</sup>	Parda	Negra	Negra	Preta	Negra	Branca	Branca	Negra
Escolaridade	Médio	Superior	Mestrado (cursando)	Mestrado	Superior	Superior	Mestrado	Mestrado
Estado Civil <sup>26</sup>	Casada	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
Relacionamento <sup>27</sup>	Sim	Sim	Sim concomitante <sup>28</sup>	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Classe	Média	Média	Média	Média Baixa	Média	Média	Média	Média
Filhos <sup>29</sup>	Sim (01)	Não	Não	Não	Sim (01)	Não	Não	Não
Religião	Católica	Católica	Católica	Não tem	Umbanda	Cristã	Ateia	Ateia
Cidade Nascimento	Belém	Belém	Belém	Fortaleza	Belém	Belém	Belém	Prainha (PA)
Mora com	3	1	2	1	1	3	0	4
Identidade <sup>30</sup>	SR	Lésbica	SR	Bissexual	Entendida	SR	Bissexual	Lésbica
Assumida <sup>31</sup>	Sim	Sim	Parcialmente	Sim	Parcialmente	Sim	Sim	Parcialmente

\* SR neste quadro significa Sem Resposta

<sup>25</sup> Autoclassificação utilizando as categorias do IBGE

<sup>26</sup> Representa o estado Civil, não representa situação atual da vivência. Valéria que aparece casada, ainda não realizou processo de divórcio mas não vive maritalmente.

<sup>27</sup> Com relação a relacionamento, esta exposto neste quadro se atualmente está tendo algum relacionamento.

<sup>28</sup> Namorando com homem e está "ficando" com mulheres

<sup>29</sup> Os filhos aqui referenciados foram concebidos nas relações hetero vivenciadas.

<sup>30</sup> Autodefinição, onde se encontra sem resposta, as interlocutoras disseram não saber ou não querer se autodefinir.

<sup>31</sup> Quanto a ser assumida, significa se estas mulheres vivenciam ou vivenciaram livremente, inclusive em espaços públicos as relações afetivo-sexual com mulheres.

### 3 ENTRELAÇANDO EMOÇÕES, DESEJOS E ESCOLHAS

“O antropólogo é o astrônomo das ciências sociais: ele está encarregado de descobrir um sentido para as configurações muito diferentes, por sua ordem de grandeza e seu afastamento, das que estão imediatamente próximas do observador” (Claude Lévi-Strauss, 2008: 422)

Neste capítulo é mostrado através da apresentação das falas das interlocutoras sobre suas histórias de vida, em família, nos espaços de sociabilidade e sobre as experiências afetivo-sexual das interlocutoras, e assim será possível ter melhor compreensão de como aconteceram na vida dessas mulheres às emoções, desejos e escolhas, com as singularidades e peculiaridades da trajetória da vida afetivo sexual de cada entrevistada.

#### 3.1 As Interlocutoras e Suas Histórias de Emoções, Desejos e Escolhas

##### 3.1.1 Valéria: *“daqui por diante provavelmente nunca mais serei hetero”*

É uma mulher com mais idade que as outras participantes deste trabalho, contudo em sua trajetória afetivo-sexual com mulheres tem menos experiência que as demais. Quando conheci Valéria ela estava em um momento muito conturbado de sua vida afetiva, mas nunca, nem nos momentos mais difíceis desta história, Valéria me recebeu de forma que exprimisse algum sentimento de tristeza. A conjugação constante do sorriso é uma característica marcante, assim como o bom humor que jamais permitiu que alguém pensasse que tudo nesta história poderia dar errado, e de fato não deu.

E para relembrar um pouco, Valéria é a mulher que foi casada e tem uma filha, e que se separou após se envolver de forma afetiva-sexual (pra ela) e sexual (pra Alcione) com uma mulher, saiu do armário da mesma forma que entrou, muito rapidamente, viveu exclusivamente heterossexual durante 46 anos de sua vida, afirma com muita veemência que não voltará a ser.

Ao iniciar o campo, Valéria sempre estava com muita energia, que algumas vezes eu pensava que não conseguiria acompanhar, sempre que eu entrava em contato, ela logo queria marcar para nos encontrarmos e continuarmos as entrevistas, ela também foi uma interlocutora que não mostrava dificuldades em participar desta pesquisa com uma temática que requer um pouco mais de proximidade para que seja falado coisas que podem ser tão íntimas.

Apesar de ter tido relação sexual com homem – o marido - durante um longo período de sua trajetória afetiva-sexual, o que ela gosta mesmo de falar é sobre seus envolvimento com mulher. Devido meu nível de amizade com Alcione (a primeira mulher com quem ela se relacionou), Valéria se aproximou bastante de mim com pouco tempo de contato, entendi que na época que começamos as entrevistas, eu representava uma via de fácil acesso à Alcione, pois eventualmente estávamos juntas.

Em minhas perguntas, mesmo que eu não definisse de quem ela deveria falar, sempre direcionava à sua primeira relação afetivo-sexual com uma mulher – Alcione – e cheguei a me questionar se eu estava de alguma forma direcionando isso, entretanto logo percebi que eu representava para ela uma pessoa que entendia tudo sobre lesbianidade (por estudar o tema) e poderia ajudá-la com esse momento novo. Além disso, “todo mundo” em nosso bairro (onde eu vivo por toda a vida e Valéria também, mas não nos conhecíamos, talvez por nossa diferença de idade e de orientação sexual) sabe da minha orientação sexual e que vivencio um relacionamento há quase trinta anos, e isso era representativo para ela.

Este é o material que requer de mim mais tempo, pois a cada momento que eu e Valéria nos encontrávamos, podia ser o lugar público mais movimentado, ela estava sempre disposta a me falar mais e mais, mesmo que eu não estivesse preparada para anotar (como por exemplo em um show), entretanto, algumas vezes eu sei que ela não estava considerando a pesquisadora, mas sim a amiga da “mulher que ela mais queria”, como fazia questão de afirmar.

A maior dificuldade foi que em meio a toda este querer, havia uma grande confusão na vida dela, um marido sofrendo muito com a separação e sem aceitar, uma mãe que era a melhor amiga, porém se comportava quase como inimiga porque não aceitava que “a esta altura da vida” Valéria estivesse gostando de uma mulher, e a filha, com quem ela se preocupava muito, pois os vizinhos não estavam sendo nada delicados com os comentários;

ela era também a melhor amiga da filha e não queria vê-la sofrer, e eu estava no meio de tudo isso, observando de perto, e sendo observada também ao ponto de existirem alguns rumores de um possível relacionamento entre nós.

Quanto ao sexo que ela estava vivenciando naquele momento, poderia ser considerado casual, entretanto era com bastante frequência, e ela me dizia:

*“Baixinha<sup>32</sup>, eu e aquela mulher viramos o bicho à noite inteira, nós combinamos em tudo, nossos corpos se encaixam perfeitamente, e não precisa ninguém falar nada, nós sabemos o que a outra quer, ela nem precisou me ensinar nada eu fui fazendo automaticamente e ela disse que fiz tudo certinho e perfeito”*

Na maioria das vezes que falávamos sobre isso, ela falava *“vocês são amigas, então fala lá pra ela que a gente combina muito e que eu vou fazê-la mais feliz que aquela lá”*, se referindo ao relacionamento que Alcione tinha na época, e que eu também a conhecia.

Sobre as diferenças entre relacionamento com homens e mulheres, ela sempre fazia muitas referências às diferenças afetivas e também as diferenças sexuais. Como por exemplo:

*“Com mulher é bem diferente, a mulher é mais carinhosa, mais atenciosa, sempre se preocupa em dar prazer, já o homem quer mais é receber, com homem não tem muitas preliminares, já com a mulher a gente demora mais nas preliminares e isso é importante pras duas, fica tudo mais gostoso pras duas, acho que as mulheres são mais companheiras naquelas horas e nas outras também...risos...”*

---

<sup>32</sup> Como Valéria me chamou por um longo período quando nos conhecemos, provavelmente não conseguia lembrar meu nome, pois atualmente gosta de chamar por meu nome e sobrenome

Perguntei pra Valéria: ***O que você lembra e que achou legal na primeira vez, e que você diz que é tão diferente com homens?***

*“O sexo oral é bem diferente, eu quis logo fazer, e achei mais gostoso de fazer em mulher do que em homem, também achei mais gostoso como ela faz, acho que ela sabe fazer melhor porque ela é mulher também, então entende melhor isso.”*

Com as demais entrevistadas também é possível perceber que o sexo oral é bastante valorizado na prática homoerótica.

Na época em que começamos as entrevistas, Valéria parecia uma mulher muito apaixonada e disposta a enfrentar o mundo inteiro por este relacionamento. Atualmente, ela está em um relacionamento estável com uma nova companheira que mora na casa dela, e com isso, os momentos de entrevistas que eram bastantes frequentes foram reduzidos por não termos mais a mesma privacidade para falar das intimidades do passado da interlocutora.

### **3.1.2 Fabíola: “nunca me senti atraída por homens”**

Fabíola se autodefine lésbica como a mesma citou em entrevista, começou o ativismo político aos 14 anos pelo movimento LGBT, e posteriormente fez parte do movimento feminista em Belém, e quando entrou na universidade participou do movimento universitário diversidade sexual. Esse ativismo político deu a ela uma visão diferenciada das demais interlocutoras, e faz com que ela fale de um local que é político, assim se identificando como lésbica.

A interlocutora fala de forma mais polida sobre a sua sexualidade. Entendo que deve se dar ao conhecimento da área de saúde, bem como ao ativismo político em que esta participa há muito tempo, no entanto percebeu-se que não há problemas para ela falar

sobre a sua prática sexual, que esta característica na fala se dá realmente ao vasto conhecimento sobre sexualidade e sobre homoerotismo.

Um outro aspecto marcante na trajetória da mesma além de autodefinir-se como lésbica, e que ela nunca teve relacionamento afetivo-sexual com homens, e ser assumidamente lésbica em todos os espaços de convivência e sociabilidade. Ademais, em seus relacionamentos os quais teve oportunidade de acompanhar, ela sempre vivenciou suas relações afetivas totalmente fora do armário, por assim entender ser um direito dela a expressão afetiva em espaços públicos.

Na primeira vez com que teve relação sexual com uma mulher lembra-se que se admirou, todavia ressalta não ter tido medo, todavia teve um estranhamento e o mais marcante foi exatamente o pensamento de: *“eu estou na cama com uma mulher, eu estou na cama com uma mulher”*, o tom da voz ao relatar pareceu admiração e encantamento, e frisou não estar com medo, e não ter tido receio, sendo assim *“tudo fluiu naturalmente e soube exatamente o que deveria fazer”*.

Sobre idealização da parceira afirma que:

*“... não pensava muito sobre estereótipos, corpo, apenas queria ter uma pessoa legal, uma pessoa parceira, uma mulher ou com a minha faixa etária ou um pouco mais velha do que eu, coisa que eu nunca consegui... então assim, pensava de ser uma pessoa que a princípio não tivesse dificuldade de me assumir já que eu estava em um processo de descoberta e tudo era muito novo...”*

Ao retomar as entrevistas com Fabíola, ela chama atenção que, em sua primeira vez com uma mulher, foi marcante toda a ambientação que tiveram e que foi exatamente o que ela esperava de uma relação com uma mulher. Então quando foram pra cama tudo rolou de forma muito natural, foi em meio de muito carinho, muito beijo, e ela se sentiu muito à vontade.

A interlocutora é categórica ao afirmar que não tem como fazer distinção entre uma relação com mulher ou com homem por nunca ter vivenciado uma com homem e diz não



sentir atração alguma por homens, por isso, apenas imagina que as mulheres são mais carinhosas umas com as outras.

Atualmente está com uma jovem, que parece muito com ela – como afirma. Segundo ela, a parceira é muito bem resolvida, não chegou nem a entrar no armário e logo se assumiu perante a família e a todos, assim sendo, elas andam juntas e de mãos dadas em qualquer lugar, trocam carinhos e beijos em espaços públicos, também são assumidas nas redes sociais, e ambas tem muito conhecimento sobre seus direitos e lutam pelo direito de conviverem juntas como todos os outros casais.

Por ter passado em um concurso em outro estado relativamente perto de Belém, sempre está pela cidade para ver a família e para ficar com a namorada. Em todas as vezes que vem a Belém (e são muitas) sempre marcamos um encontro e temos a oportunidade de retomar algumas discussões em torno da pesquisa, e também de nossa militância pelos direitos LGBT.

Esta é a única interlocutora que não vivenciou experiência sexual com homem. Bem como Cassia, esta entrevistada se autoidentificou como lésbica, sendo que Cassia teve *“uma relação sexual com homem apenas para matar a curiosidade”*, diferentemente de Fabíola que ressalta nunca ter sentido atração por homem.

### **3.1.3 Dalila: *“não queria decepcionar meus pais”***

Como falei anteriormente sobre Dalila, ela estuda mestrado e está fazendo isso em uma universidade pública de um outro estado, o que permitiu que ela pudesse vivenciar uma vida sexual mais livre e com mais experiências. Com seus 24 anos continua com a apreensão inicial de não decepcionar aos pais, esta já era a sua maior preocupação de quando começou a vida sexual aos 16 anos, sendo este o ponto em que chamou bastante atenção na entrevista. Quando perguntei o que passou na cabeça dela na primeira vez em que teve uma relação sexual? Entre outras coisas Dalila afirmou que:

*“...fiquei com medo de toda a situação, dos meus pais descobrirem, meu pior medo era decepcioná-los, pois meus pais... [breve silêncio] eles nunca haviam deixado eu namorar, quando tentei namorar um ano antes, foi bem difícil, houve um processo de aprisionamento e proteção, e lembrava do rosto de descontentamento do meu pai e o cuidado comigo...”*

Em outros momentos da entrevista, Dalila toca novamente neste assunto, ao pedir para ela falar das experiências sexuais dela, e sem definir algum tipo, ela começou a falar da primeira e da segunda, que foram com homens, e posteriormente falou da primeira com uma mulher, em todas estas ela falou do medo de seus pais descobrirem:

*“Porém após isto só falei para esta amiga que acobertou a situação e mantive segredo. Não quis mais ficar com ele com medo dos meus pais descobrirem. Após uns meses, conheci um rapaz no ônibus, trocamos contatos e sai algumas vezes com ele e de novo o medo de ser descoberta, de decepcionar meus pais e também o peso na consciência devido ao fato de eu participar ativamente da igreja [...]*

*Com a menina, eu já estava na universidade e recebia colegas em casa pra estudar, colegas da igreja também, mas meu pai logo percebeu qual era a dela, porque ela tinha muito jeito né, ele ficou meio desconfiado né, e fez perguntas sobre ela, isso que eles não iriam aceitar muito bem, mas minha mãe ia ficar muito decepcionada.”*

Durante o tempo em que nos aproximamos pelos encontros para realização da entrevistas que compõe o trabalho, e fui mais vezes ao apartamento em que ela morava com o pai, eu pude conhecer o pai dela, e por exercermos a mesma profissão, além de sermos estudantes do mestrado (Dalila ainda fazia graduação, embora fosse certo para ambos que ela seguiria a vida acadêmica), então conversamos muito, todavia me sentia

observada por ele, na ocasião não consegui saber se por ser uma “amiga mais velha”, ou se ele já identificara algo sobre minha orientação sexual.

Estive em outros momentos na casa de Dalila para continuar com a pesquisa, para comemoração do aniversário dela, e para ajudá-la com o projeto de mestrado, na maioria das vezes que estive no apartamento ele também estava, em algumas vezes ele já estava de saída outras estava chegando, sempre parava um pouco e conversávamos sobre coisas que fazíamos na vida profissional e acadêmica, no entanto no dia em que ela foi viajar para fazer a seleção de mestrado fui encontrá-la na rodoviária para dar um abraço e desejar boa sorte, tudo muito rapidamente. Neste dia estava acompanhada com minha companheira que apenas apresentei pelo nome ao pai de Dalila, mas foi nesse dia que ele disse à Dalila: *“Hoje sua amiga estava com muito jeito, um jeitão assim né...”*, e posteriormente Dalila me contou via mensagem de celular (por SMS).

Com a mãe dela eu tive menos contato, mas foi o suficiente para perceber que havia em sua mãe algum receio nesta convivência (de Dalila comigo), e ao perguntar para Dalila se a mãe dela não gostava de mim, ela apenas disse que falava muito em mim quando ia pra casa da mãe dela e que era impressão minha, pois a mãe dela era mais séria que o pai. No entanto nos demais contatos foram da mesma forma, confirmando a minha impressão com relação aos seus pais; após alguns encontros demonstrou-se um pouco mais de cordialidade, porém sempre havia um certo incomodo com nossa proximidade, entretanto isso nunca fez Dalila recuar nas entrevistas e em nosso relacionamento de amizade.

Os relatos feitos acima retratam percepções que tive em campo. Observei que não só com esta interlocutora, mas principalmente com ela, por ter tido maior convivência no espaço familiar dela, que a minha orientação sexual, a qual era do conhecimento de todas as minhas entrevistadas, de alguma forma influenciava em meu trabalho de campo. Além deste contato diferenciado com os pais desta interlocutora, outros momentos aconteceram em pesquisa com as outras interlocutoras e serão retomados ao longo do trabalho, pois neles se descortinaram as particularidades da prática de campo em um espaço que também é o espaço do pesquisador.

A interlocutora supra citada, ao falar de como se vê quanto ao assunto sexo, ela fala com bastante ênfase *“me vejo uma pessoa bem aberta e que gosta bastante de sexo talvez até acima do comum”*, e reforça também que sua prática afetivo-sexual foi mais com

homens dizendo, *“praticamente só me relaciono com homens, mulheres foram mais pontuais e praticamente relações sexuais apenas”*; quando iniciamos a pesquisa Dalila se identificou como Bi, no entanto ao retomarmos depois de um longo período sem as entrevistas retomei a pergunta pois, como eu disse, ao morar em outro estado a vida sexual também se modificou, e então ela respondeu *“uma coisa que não sou bem resolvida na minha vida é essa: não sei se sou bi ou hetero”*

Sobre se relacionar com mulheres, ou melhor, com meninas como a interlocutora sempre fala, ela disse que:

*“[...] ao mesmo tempo que me relaciono pouco com mulher, sinto muito tesão, interesse em mulheres. Me chama atenção mulheres intelectuais, que tem conversas legais e que aparentam mais serem lésbicas, ... nunca fiquei com uma menina bi por exemplo...”*

Sobre as diferenças entre o sexo com homens e mulheres, esta foi a interlocutora que mais citou diferenças, copiosamente, e sempre de forma muito excitada parecia fazer questão em me ajudar nesta pesquisa, e principalmente quanto a diferença entre se envolver afetivo-sexual com mulheres e com homens. Assim afirmou:

*“Sim, bastante diferença! A relação sexual com mulheres é mais demorada, mais sensual e normalmente comigo tem muita conversa prévia, amizade entende?!.”*

...

*“O sexo com homem me parece ser algo mais fácil de acessar e que me satisfaz bastante, porém muitas vezes é mais rápido do que eu gostaria e acontece de eu sair sem ter gozado, coisa que entre as mulheres parece que o cuidado e a preocupação de que as duas gozem é maior. O sexo com homem é mais energético, as vezes rola uma violência consensual, tipo pequenos enforcamentos, tapas,*

*mordidas, o que nunca ocorreu em nenhuma relação comigo e outra mulher.”*

A interlocutora sempre afirmara gostar muito de sexo, e sempre conversava sobre tal assunto com bastante naturalidade, sendo esse um fator que foi importante para convidá-la à participar desta pesquisa. E sobre o assunto sexualidade, reforçou que:

*“[...] respeito a sexualidade do próximo e também sinto interesse pelo tema, conhecer coisas novas, praticar o Kamasutra, o pompoarismo. Cuido bastante da minha saúde reprodutiva, faço exames de DST regularmente, justamente porque acredito que faz parte da sexualidade. Vejo que ainda tenho muito que me conhecer, leio bastante coisa sobre sexualidade e faço parte de um grupo secreto no Facebook que é só de mulheres, muitas feministas e que falamos sobre libido, sexo, anticoncepcionais, sobre tudo que faz referência a sexo...”*

Em nenhum momento senti nesta entrevistada algum tipo de hesitação em falar sobre as experiências, ou sobre sexo, ela se mostrou sempre muito à vontade e muito disposta em falar, e assim contribuir com esse trabalho.

Esta interlocutora tem suas experiências sexuais mais voltadas aos relacionamentos hétero, todavia, por vivenciar relacionamentos abertos ela também experiencia relações homoeróticas e chama atenção, tal qual Valéria também asseverou, sobre a preocupação que as mulheres procuram ter com o prazer uma da outra, e Dalila afirmou achar isso a melhor coisa neste tipo de relação, e que embora goste mesmo de homens gosta mais disso nos relacionamentos com mulheres, como ela disse, *“porque nunca a deixaram na mão”* – sem sentir prazer – *“como alguns homens já deixaram”*.

### 3.1.4 Margareth: “*Não sonho com romantismo, flores ou surpresas*”

Margareth é muito tímida em suas respostas, geralmente é objetiva, assim economiza nas palavras e detalhes. Quando conversamos em encontros informais, que a temática estudada acabava sendo também o tema da conversa informal, alguns assuntos particulares me foram segredados, Margareth falava com os sentimentos mais intensos, por estarmos a vontade, fosse saboreando um cafezinho com tapioca no fim de tarde da universidade, ou participando de um momento comemorativo em minha casa, tomando uma bebida de pêssego, suave e adocicada, levada por ela mesma para eu provar e a qual ela me acompanhou. Sendo assim, não era mesmo um momento de entrevista, e então mais uma percepção de que os instrumentos e mecanismos adotados em entrevistas podem influenciar no comportamento das interlocutoras.

No que se refere às perguntas norteadoras, Margareth falava bastante em seu relacionamento heterossexual, o primeiro. Na primeira fase de entrevistas, ela se referia ao companheiro deste relacionamento como “meu marido”, em fase posterior, pois houve um espaçamento no tempo da realização da pesquisa, já não romantizava o primeiro relacionamento como costumava fazer na fase inicial, e não o chamava mais de desta maneira.

Sobre o relacionamento que teve com a jovem Leonice, citada anteriormente na apresentação, e que falava que sentia falta, já não toca muito neste assunto e afirma que passou, que é passado, e que já não interessa mais. Nos encontros mais recentes, falou mais em seu relacionamento atual com a sua Etiene.

Na entrevista disse que a família nunca (dando bastante ênfase a esta palavra) falava sobre sexo, foi criada por sua avó e que foi eleita a cuidadora da avó, viveu sob muita repressão nesta criação e quando a avó voltou a morar com a mãe ela também foi junto, e disse: “*E então experimentei a liberdade, pois minha mãe é o completo inverso dela*”.

No entanto, ressaltou que foi neste momento também que percebeu que tinha dificuldades de se relacionar com as pessoas, e hoje avalia que isso foi consequência da criação que teve enquanto viveu com a avó. E isso deve explicar a forma direta e econômica que usa com as palavras.

Sobre as experiências sexuais, lembra apenas que:

*“A minha primeira relação sexual foi com o meu primeiro namorado, aos 22 anos, não lembro bem quanto tempo estávamos, fiquei com ele por quase quatro anos de relacionamento. Depois deste as relações sexuais se deram no âmbito de relacionamentos estáveis, um relacionamento que durou dois anos com um homem, outro de três anos com uma mulher e o atual, a quase quatro anos.*

*Mas houveram também dois momentos de sexo casual, o primeiro foi uma única vez com um amigo... (tempo pensando) e a segunda experiência foi com uma amiga de trabalho. E agora somente com minha companheira, porque agora estou em um relacionamento monogâmico.”*

Sobre o que passou na cabeça de Magareth em sua primeira relação sexual, diz que:

*“A preocupação maior era apenas com a gravidez. Não lembro se foi usado preservativo”. E acrescentou “não contei para ninguém da família”, e acha que não contou para amigos, porque não tinha muitas amizades, mas disse também que não tem uma memória tão boa que possa afirmar com certeza que não contou a ninguém.*

Quanto ao que este momento representou para ela, afirmou que:

*“Apenas uma outra fase do relacionamento, como se ele tivesse se tornado mais sério, mas para outros aspectos da vida não significou nada”.*

Quando indaguei à Magareth sobre o que foi marcante neste momento? (a primeira relação sexual). Ela respondeu-me:

*“Um lençol sujo de sangue que tínhamos de dar um jeito” (risos)*

Sobre ele:

*“Ele era uma pessoa independente, livre, que acredita em amor livre e eu era uma pessoa imatura, eu não entendia isso. Exigia muita atenção, coisa que ele não conseguiu fazer porque ama muito seus amigos e eu tinha que dividir ele. Não entendia como ele pensava. Hoje eu entendo. Mas não conseguia vivenciar um amor livre.”*

Sobre ela, a atual companheira:

*“Com a minha companheira atual nós temos um relacionamento monogâmico de 3 anos e 10 meses.”*

.....

*“Conheci ela no facebook, e depois marcamos um encontro.”*

.....

*“Perguntei: **“E você já procurou sexo pela internet?”***

*Respondeu: “Não, ela foi a única pessoa que conheci pela internet e marquei encontro, mas ela era conhecida de outras pessoas que eu conhecia.”*

.....

*Perguntei: **“Como ela é? Ela é como você idealizava como parceira?”***

*Respondeu: “Não sonho com romantismo, flores ou surpresas. Espero que seja companheira, cuidadosa e carinhosa. E ela é tudo isso e muito mais. Sobre a fidelidade que exijo não diz respeito a relação exatamente, ao não envolvimento com outras pessoas, tem mais a ver com sinceridade, com respeito. Quero pé no chão.”*



E perguntei: ***“O que te atraiu nela?”***

Respondeu: *“Me atrai pessoas que cuidam de mim, que dizem que gostam de mim. Minha baixa autoestima deve explicar isso... (risos)... mas ela não se cansa de me mostrar a todo momento o quanto me ama e que sempre estará comigo”.*

Sobre a diferença entre a relação sexual com homens e com mulheres Margareth disse:

*“Acredito que na relação sexual entre mulheres há uma preocupação maior com o prazer das duas pessoas. Os homens parecem meio egoístas”.*

Esta fala de Margareth corrobora a fala de Dalila, Alcione, Valéria, Simone e Cassia, todas estas (com exceção de Fabíola que teve relacionamentos exclusivamente lésbicos, e de Aline que não fez comparação desta forma) também avaliaram as relações com mulheres e com homens nesta mesma direção, inclusive destacando a preocupação que as mulheres têm com o prazer uma da outra no momento das relações homoeróticas, que nem sempre foram encontradas nos relacionamentos heterossexuais que tiveram experiência.

### **3.1.5 Alcione: *“também quero fazer parte desta pesquisa”***

No mês de julho, nas férias, tivemos um primeiro contato, foi o momento em que ela se mostrou interessada em participar desta pesquisa em uma breve conversa sobre o trabalho. Como era um mês de férias e ela viajou bastante não foi possível iniciar, porém como disse anteriormente, Alcione faz parte da minha vida cotidiana por morar bem

próximo da minha casa e frequentarmos as casas uma da outra seja nas festinhas de família, ou só para um bate-papo; daí que representou facilidade para realização deste campo.

Geralmente Alcione não se refere como lésbica, e afirma ser “entendida” o que me chamou atenção por não achar que ela se visse assim. Conheço-a há mais de vinte anos, nunca a vi em relações hétero durante nossa convivência, embora tenha sido durante este tempo de amizade que ela ficou grávida, então acompanhei desde o nascimento até hoje a relação dela com a filha, entretanto nos seus relacionamentos homoafetivos sempre houve tensão e certas implicações nas relações das companheiras com a filha.

O fato dela não se identificar como lésbica não representa em nenhum momento negação de sua vida afetivo-sexual com mulheres, e por isso perguntei porque ela não se identifica como lésbica, pois é uma mulher bastante envolvida em movimentos sociais de mulher, de comunidade de bairro, e algumas vezes participa de atividades realizada pelo movimento LGBT a resposta foi:

*“Não sei bem, mas não gosto dessa palavra, ela me parece algo pejorativo, e que não soa bem aos meus ouvidos, prefiro entendida mesmo.”*

E utilizando as perguntas norteadoras Alcione pareceu economizar mais as palavras do que em nossas conversas sobre o tema e sem os instrumentos de pesquisa. A entrevistada sempre teve uma vida de muita sociabilidade. Bastante atuante em movimentos sociais, em política, e em sua vida de lazer a qual sempre participa de tudo, de um encontro para um lanche e um cineminha e muitas noites em shows, bares e boates o que a fez ter um círculo muito grande e diverso de amizade. Tem também uma vida muito ativa nas redes sociais virtuais. Cursa pela segunda vez uma graduação.

Sobre a sexualidade e as práticas sexuais na vida dela, Alcione contou que teve muitos relacionamentos afetivos e muitas relações sexuais com homens e mulheres, e ressaltou que atualmente vive uma relação “homo”. Iniciou a vida sexual aos 15 anos com homem e disse “que foi muito bom, muito prazerosa com muito desejo envolvido”, e lembra que se sentia muito feliz com ele e tinha recíproca dele também.

Em família, a sexualidade nunca era um assunto que pudesse fazer parte das conversas, jamais era falado, cada um *“ia vivendo a sua”* já que ela tem onze irmãos e foram criados somente pela mãe. Já teve relação sexual com quem conheceu pela internet, porém afirma que essa não era a intenção quando conheceu a pessoa. No espaço onde tem sua prática religiosa (umbanda) debate sobre todos os assuntos, como espiritualidade, raça, mulher, homossexualidade, política e principalmente sobre as formas de preconceito vivenciada por ser uma mulher negra, homossexual e umbandista.

Sobre a diferença entre a relação sexual entre mulher e homem e entre mulher e mulher. Afirmou:

*“Tive experiência com os dois lados, porém com o homem foi muito esporádico, me relacionei mais com mulheres e vejo muita diferença entre a relação entre ambos, a relação com as mulheres é mais amável, carinhosa, tem mais cumplicidade, amizade, existe também mais ciúmes e possessividade, porém posso dizer que é mais controlável em como se conduz a relação.”*

Embora atualmente esteja se relacionando com mulher, sempre reiterava que não via nenhum problema em se relacionar com homem se assim acontecesse, mas disse:

*“Me vejo realizada, já tive diversos relacionamentos com mulheres, mulheres novas, mais velhas, bonitas, simpáticas, e com isso posso dizer que a minha sexualidade foi bem resolvida.”*

O que realmente é possível perceber nas entrevistas realizadas com Alcione é que embora tenha se relacionado mais com mulheres, os homens podem ser uma possibilidade afetivo-sexual. Ela não demonstra críticas aos homens, como pude notar na fala de outras entrevistadas como por exemplo Simone. E ao contrário de Valéria, que teve longo período

de experiência hétero, faz questão de salientar que nunca mais terá relacionamentos afetivo e sexual com homens.

### 3.1.6 Aline: “*minha mãe não aceita de jeito nenhum*”

Há muitos anos fomos apresentadas, e como coisas estranhas que acontecem na vida, não gostamos muito uma da outra, e tudo que eu falava ainda que fosse em estudos do Grupo Orquídeas ela já pensava que eu estava direcionando pra ela, como ela pode contar em um dos nossos encontros para as entrevistas.

Aline participava de algumas reuniões do grupo apenas acompanhando amigos para depois saírem da universidade para “*tomar umas brejas*”, como até hoje ela se refere a cerveja, até então ela nunca havia se relacionado com mulher e mesmo agora afirma que na época isso nem passava pela cabeça dela, embora nas reuniões eu sempre achasse que ela era lésbica por alguns comportamentos no grupo, todavia não era isso e continua não sendo.

Muito tempo se passou, cerca de oito anos depois tivemos oportunidade de nos reencontrar em uma comemoração de aniversário em um bar e então conversamos amistosamente, neste reencontro ela já estava se relacionando com uma jovem e conversamos sobre como não nos entendíamos e não encontramos nenhuma explicação para isso. Desta vez por eu ser a pessoa “que estuda sapatonice”<sup>33</sup>, entramos nesse assunto levando em consideração a história de Aline e sua namorada. Continuamos sem nos ver muito pessoalmente, mas fizemos amizade virtual, e embora eu não esteja muito *on line*, e sejam raros os momentos *on* nós não perdemos mais contato, porém ela foi a última interlocutora que convidei para participar da pesquisa.

Atualmente, ela está com a mesma namorada há quase três anos, conforme ela afirmara na primeira entrevista “*a primeira e única mulher*” com quem se relacionou e sempre declarava que seria a única, inclusive no dia que nos reencontramos e conseguimos

---

<sup>33</sup> Forma que os colegas faziam referência a mim (inclusive no dia referido acima), fazendo gracejos quando estávamos conversando em ambiente não acadêmico sobre nossos estudos, como eles afirmavam isso fazia parte das nossas piadas internas do grupo.

nos entender ela falou várias vezes que seria somente com esta mulher. O tempo passou e em entrevista Aline já declarou não ter mais tanta certeza se realmente esta será a única.

*“Às vezes penso que ela é a exceção que confirma a regra, pois não me vejo namorando com outra mulher. Outras vezes acho que sou bissexual, já que estou com ela e sabe lá se eu ficaria com outra mulher... Hummm, acho que a cada dia mais me acostumo com a ideia e acredito que eu seja bi. Porém, não curto a questão dos rótulos. Parece que a gente sempre tem que se enquadrar em alguma moldura, entrar em alguma caixinha que fizeram para a gente.”*

Com Aline eu não me sentia à vontade para arriscar uma afirmação sobre ser bissexual ou não, ela sempre manifesta muita admiração entrelaçadas com desejos por corpos masculinos, ainda que, por sua namorada ela também revele esses desejos, no entanto em nossos momentos em espaços públicos nunca presenciei nenhuma demonstração desse tipo voltada à outras mulheres, somente à homens.

Ao falarmos sobre família e sexualidade, Aline disse que:

*“Jamais se conversava sobre sexo em casa, e sequer sobre menstruação, não podia assistir nem mesmo o filme A lagoa azul, por ter cenas sobre menstruação, sexo e parto” (risos).*

E a mãe salientava que deveria ter pudor, então Aline lembrou:

*“Eu lembro que eu não podia falar sobre as coisas femininas porque eram a vergonha da mulher, deveria ter pudor, enfim essas coisas aí”*

A interlocutora que foi criada desde os seis anos pela irmã mais velha e sua mãe (também tem um irmão quatro anos mais velho), embora afirme não se identificar muito com igreja, ainda participa de um grupo evangélico de oração, religião que sua mãe pratica, e revela que atualmente conversa com a mãe um pouco mais sobre sexo, mas não sobre homossexualidade, pois sua mãe não aceita a vida que ela vive atualmente.

Com homens iniciou sua vida sexual aos quinze anos, ainda que estivesse muito receosa com medo de engravidar teve relação sexual com seu namorado porque os dois se desejavam muito.

Com mulher foi somente com sua namorada atual, e logo neste relacionamento já expressou afetos (beijos e abraços) em espaços públicos pois entendeu que namorar é assim independente de ser com homem ou mulher, entretanto este comportamento causou muito problema em casa, mais especificamente com a mãe. Aline sempre brinca dizendo que ela nunca teve nem armário, nem guarda-roupa, nem mesmo estante para entrar e depois sair e assim demonstrou tudo em público.

Sobre haver diferença entre se relacionar com homem ou mulher, Aline não hesitou em dizer:

*“Vejo diferença sim na relação sexual com homem e com mulher. Por exemplo, aquele roçar de barba por fazer no pescoço e nas costas só podem, pelo menos que eu saiba, ser feito por homem... (risos). Me agrada muito esta sensação.*

*Particularmente, gosto muito de ser penetrada. Na verdade, preenchida. Sendo assim, apenas dedos não me satisfazem. Gosto de usar brinquedos com minha parceira. Mas os dedos são importantes! Dedos e línguas...(muitos risos)... Siririca e boquete bem feitos não tem a ver com o fato de ser homem ou mulher.*

*Como minha relação homoafetiva é a primeira, não tenho muito parâmetro entre as mulheres, pois só transei com uma e ela me satisfaz”.*

E ao perguntar sobre como se vê em sua sexualidade, afirmou:

*“Não tenho uma opinião formada sobre minha sexualidade. Sempre me achei hétero e um dia me vi apaixonada por uma mulher. Resolvi viver isso e o relacionamento já tem quase 3 anos.”*

.....

*“Eu tô de boas (sic) quanto ao meu relacionamento. Minha mãe não aceita de jeito nenhum por questões de preconceito e religião, mas isso não me fez voltar atrás. Foi difícil entender o que estava acontecendo comigo, mas hoje tô de boa com isso.”*

Enquanto a entrevistava, nenhuma vez percebi que vivenciar uma relação com homem ou com mulher pareceu ser um problema para a entrevistada, embora tenha o fato de ter mencionado certa dificuldade em entender o que estava acontecendo com ela, como exposto acima em sua fala, não transpareceu ser problemático, a única tensão demonstrada e reiterada durante entrevista foram as dificuldades de aceitação da sua mãe com este relacionamento específico que vivencia atualmente com uma mulher.

### **3.1.7 Simone: “minha primeira vez com uma mulher foi extremamente intrigante e prazerosa”**

Ainda que tenha se relacionado primeiramente com um homem, afirma ter se relacionado

*“[...] com homens e mulheres a vida inteira e por algumas vezes com os dois ao mesmo tempo. Entretanto, majoritariamente minhas relações sexuais foram com mulheres, alguns poucos homens. “*

Ao pedir para falar de sua primeira vez, sem definir o gênero, a própria disse:

*“Eu divido minha primeira vez em duas, com homem e com mulher”.*

*“Minha primeira vez na vida mesmo foi aos 19 anos, com um rapaz e aconteceu depois de dois meses que estávamos namorando. Namoramos por quase 5 anos. Foi uma primeira vez atípica, pois eu já sabia o que queria, como fazia e tudo mais. Estava muito tranquila e praticamente conduzindo o sexo”.*

.....

*“Minha primeira vez com uma mulher foi extremamente intrigante e prazerosa... aí sim eu estava muito nervosa. Eu conduzi o sexo também, pois já havia tido outras experiências sexuais que envolviam carinhos mais quentes, mas não o sexo de fato. Então, quando aconteceu, eu já tinha uma noção de como conduzir, mas ainda assim meu corpo todo tremia e eu estava visivelmente tensa.”*

.....

*“Como comentei anteriormente, com o rapaz foi algo natural. Mas quando aconteceu com uma mulher tudo vinha na minha cabeça. Eu me sentia extremamente excitada com todo o corpo daquela moça, diferente do que acontecia com homens, e aquilo me deixava muito nervosa. Eu pensei várias vezes se estava fazendo tudo certo e se ela estava gostando, por vezes pensei se viveria aquilo de novo.”*

É muito interessante pensar na fala de Simone sobre sua primeira vez, e na forma em que ela divide em duas, por ser uma primeira vez com homem e uma primeira vez com mulher, e ainda, como os carinhos mais quentes não são sexo de fato, além de, a que se deve a tensão exacerbada na primeira relação com mulher?

Embora Simone não se furte a ter manifestações afetivas em público com sua namorada, afirma que nunca conversou com a família sobre este assunto porque seus pais



não aceitariam, - o pai é pastor evangélico e a mãe católica rígida aos preceitos religiosos – pois ela foi educada para ser feminina e casar-se. Então, sobre falar de sexo com a família a entrevistada conta:

*“Quem falava sobre sexo comigo era minha mãe, mas a única coisa que dizia era que eu só podia fazê-lo depois de casada, como uma forma de prender o homem com quem eu estivesse, já presumindo que seria com homens que eu me envolveria”*

Para Simone os pais a apoiaram muito nos estudos, mas fizeram isso pois *“talvez não imaginassem o quanto estudar me levaria para mais perto da minha descoberta sexual e afetiva”*, como falou a entrevistada.

A interlocutora afirma que atualmente é ateia, porém que nem sempre foi desta forma:

*“Mesmo hoje em dia sem religião, eu já fui de um grupo da igreja. Era um grupo de jovens e nas reuniões costumávamos abordar sobre tudo. Foi nesse grupo que eu dei meu primeiro beijo em uma garota. Curioso é que ela era a dirigente do grupo. No entanto, quando discutíamos sexualidade, a questão de relacionamentos homoafetivos era sempre posta como pecaminosa e suja. Falar sobre masturbação e sexo em espaços religiosos também era um tabu, mas sempre que nos encontrávamos para comer, beber alguma coisa e ouvir música na casa de alguém do grupo, as brincadeiras aconteciam e os assuntos sobre sexualidade e sexo eram corriqueiros. Ali sim, mas só ali fora do espaço religioso, éramos todos aceitos e libertos”.*

Sobre lazer e sociabilidade Simone utiliza as várias formas de se relacionar e se divertir, é participativa em um grupo feminista, sai bastante com amigos (as) para shows de

todos os tipos de música e frequenta bares e boates com os amigos (as) de lugares diferentes. Utiliza várias redes virtuais de sociabilidade, e já usou *“aplicativo de relacionamento no celular e sempre que estava solteira acabava conhecendo algumas pessoas e tendo alguns rolos, mas não passou disso”*, afirmou não procurar nas redes sociais por sexo, todavia disse que esta pode ser uma consequência após conhecer através das redes uma pessoa que a interesse.

Continuei entrevistando sobre a prática sexual de Simone e indaguei sobre as diferenças observadas na relação sexual vivenciada com homem, e a vivenciada com mulheres, a interlocutora afirma que:

*“A relação sexual com homens é mais direta e por vezes mais grotesca. A pornografia contribui para esse comportamento, uma vez que faz parte da socialização sexual da maioria desses meninos. Já a relação sexual com mulheres é algo mais tátil, sensitivo e intenso. (tempo pensando) Entendo que pelo fato do conhecimento e familiaridade dos corpos, falando por um viés mais sexual.”*

Simone se percebe como uma mulher bissexual e que está *“vivenciando uma relação lésbica”*, porém afirma que gosta de homens também. Estive em bares com Simone por três vezes, duas dessas ela estava acompanhada da atual namorada, entretanto não utilizei instrumento de gravação embora tenha deixado evidente que estaria em observação do que poderia ser interessante em nossas conversas e no acontecimentos, ela com certeza levava em consideração que eu era a pesquisadora, mesmo assim fazia convites para que eu participasse destes momentos de lazer com elas.

Não observei em nenhum momento manifestações que mostrassem interesse pessoal por homens, como observei na namorada que admirava fisicamente homens que estavam por perto, no entanto a namorada, que não fazia parte do elenco das entrevistadas, sempre fazia críticas severas e constante ao comportamento masculino, inclusive para os próprios que se aproximavam com interesses nas jovens ou mesmo por se incomodarem com as manifestações de carinhos trocados entre elas.

### 3.1.8 Cassia: *“achei natural ambos os casos, pouco me importei nas duas situações”*

Conheci a interlocutora através de Simone, que nos apresentou em um bar e a indicou para conversar comigo, pois também seria interessante sua participação por representar a diversidade da sexualidade feminina, e quase no final deste encontro marcamos uma entrevista em um espaço mais calmo, e como a entrevistada mesmo solicitou (universidade pública).

Cassia teve uma educação católica rígida, e na sua casa os pais não falavam de sexo nem com os irmãos, e atualmente ainda continua sendo assim. Ela frequentou a igreja, entretanto hoje se declara atea, embora algumas vezes tenha que ir à igreja para agradar aos pais, no entanto reforça que não costuma frequentar espaços religiosos. Pouco escutou sobre sexualidade, somente em aulas de ciência e um ou dois momentos quando estudou em uma escola Salesiana somente para mulheres.

Participa pouco de rede social e nunca fez da rede social e virtual uma forma de se relacionar afetivamente ou sexualmente com alguém. Para lazer e diversão frequenta *“bares e botecos de esquina, casas de shows, e shows com pessoas amigas, porém não tem uma vida muito agitada socialmente”*. Sempre se dedicou mais aos estudos e fez toda a sequência educativa seguidamente até a conclusão do mestrado e, retornando ao estudo para fazer mais uma graduação.

Esta entrevistada autodefiniu-se como lésbica. Recentemente, terminou um relacionamento que durou cinco meses e o qualificou que não era namoro, baseando-se em convivências anteriores, e nas atividades que faziam juntas (principalmente de lazer), e ainda considerou que o número de vezes que tiveram sexo durante este período era pequena (menos de dez), desta forma não considerava que este relacionamento chegava a ser um namoro.

Sobre a sexualidade na vida dela, a interlocutora chama atenção que *“talvez a vida voltada aos estudos retardou a iniciação sexual”* e só aconteceu aos vinte e dois anos quando já havia iniciado o mestrado.

*“Minha primeira vez foi com uma mulher, aos 22 anos, quase 23 anos, a qual mantive um relacionamento estável e exclusivo por um pouco mais de um ano.”*

....

*“O que passou em minha cabeça foi curiosidade, medo de fazer algo errado ou inapropriado, e senti um nervosismo leve”*

....

*“[...] eu tinha vontade de ficar com ela fazia mais de três anos na época, o jeito tranquilo e a aparência física me atraíam muito.”*

A entrevistada já se relacionou afetivo sexualmente com seis pessoas, sendo cinco mulheres e um homem. Com o homem foi uma única vez:

*“A primeira vez com um homem foi após o término com essa primeira namorada, achei natural ambos os casos, pouco me importei nas duas situações, foi mais uma questão de conhecimento e curiosidade. Mesmo não me sentindo atraída sexualmente por homens.”*

....

*“Com um homem senti curiosidade, e depois só a vontade de acabar logo.”*

....

*“[...] foi só a aparência física mesmo e uma curiosidade, como ele também era muito atencioso, aconteceu com ele, mas não foi bem critério, só era algo que eu queria passar.”*

Ao perguntar o que representou a iniciação sexual para a vida da entrevistada, ela respondeu:

*“Com o homem, representou ...hummm... nada, só sanei uma curiosidade e não sinto vontade de fazer de novo. Com mulheres, representou o que eu queria dali pra frente em relacionamentos, já que comecei a me relacionar afetivamente muito tarde com pessoas.”*

Sobre as diferenças entre essas duas experiências:

*“Com homens, foi apenas uma vez, achei um processo mecânico, sem desejo da minha parte, achei invasivo demais, cansativo e comum. Com mulheres é uma troca muito maior, algo mútuo e mais sincero, sempre inovador.”*

Cassia, como Fabíola, são as duas entrevistadas que se identificaram como lésbicas, aquela se relacionou uma vez com um homem e não mais, diferentemente de Fabíola como anteriormente chamei atenção, nunca se relacionou com homens.

Entendi que permanecer com estas duas interlocutoras que se autodefiniram como lésbicas, se destacando das outras seis, daria maior diversidade as expressões afetivo-sexual aqui apresentadas. Mostrando que mesmo que se encontre elos que permitem que estas mulheres estejam presentes neste trabalho, percebe-se também que cada uma vivência de sua afetividade e sexualidade de forma particular, permite abrilhantar cada uma experiência aqui apresentada e descrita.

Após apreciação das narrativas acima, podemos pensar que se os relacionamentos afetivo-sexuais aqui apresentados não incomodam a cada uma dessas mulheres, por outro lado observa-se que para seus familiares, bem como nos espaços públicos eles podem se tornar problemáticos, tendo em vista que a normas regulatórias pensam esses corpos de forma a legitimar a heterossexualidade. E utilizando-se de Judith Butler (2007) questionamos juntamente com a mesma ideia:

Como pois podemos pensar a matéria dos corpos como uma espécie de materialização governada por normas regulatórias – normas que têm a finalidade de assegurar o funcionamento da hegemonia heterossexual na formação daquilo que pode ser legitimamente considerado como um corpo viável? Como essa materialização da norma na formação corporal produz um domínio de corpos abjetos, um campo de deformação, o qual, ao deixar de ser considerado como plenamente humano, reforça aquelas normas regulatórias? Que questionamento esse domínio excluído e abjeto produz relativamente à hegemonia simbólica? Esse questionamento poderia forçar uma rearticulação radical daquilo que pode ser legitimamente considerado como corpos que pesam, como formas de viver que constam como “vida”, como vidas que vale a pena proteger, como vidas que vale a pena salvar, como vidas que vale a pena prantear? (2007:171)

O que é necessário pensar, conforme Guacira Louro (2004) é que corpos carregam marcas (simbólicas ou físicas), são classificados, são hierarquizados a partir das normas, valores e ideais da cultura, embora não seja generalizável a qualquer lugar, cultura e tempo. Mas eles são controlados, disciplinarizado e regularizado para que se dê em uma direção legítima onde o alvo é o polo oposto, ou seja, o corpo diferente.

E Louro (2004) assevera que:

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. (2004:87)

Com isso, esses sujeito podem ser tratados como infratores, ser punidos, penalizados corrigidos, rotulados, excluídos, isolados, desvalorizados, desacreditados (Louro 2004). E assim observa-se negociação nas vivências das práticas dessas mulheres.

### **3.2 Outras Histórias de Emoções, Desejos e Escolhas**

Outras pesquisas realizadas sobre os relacionamentos afetivo-sexual entre mulheres, em contextos variados e diversos dos apresentados aqui neste trabalho, apontam na mesma direção, sugerindo que os desejos afetivos e sexual vivenciados entre mulheres não as fazem pessoas abjetas, pois podem ser encontrados em espaços diversos,

manifestando-se na mesma ordem, não obstante, a intenção aqui não é de afirmação de que este se trata de um comportamento homogêneo e/ou hegemônico entre mulheres.

Nesse contexto, em pesquisa realizada por Andréa Moraes Alves (2010), com mulheres idosas (entre 60 e 73 anos de idade), a pesquisadora, que também trabalhou com as práticas sexuais entre essas mulheres idosas, destaca que nas histórias de vida das entrevistadas para o trabalho, elas ressaltaram a dimensão do afeto em “detrimento do prazer erótico” (2010:222).

Neste mesmo trabalho, Alves (2010) também indagou sobre a primeira vez das interlocutoras, deixando livre essa definição de “primeira vez” para as interlocutoras (aplicada por mim da mesma forma neste trabalho) que logo questionaram sobre qual primeira vez, a com homem ou mulher? Como apresentei nas narrativas acima, a autora também percebeu uma demarcação de diferenciação entre os dois momentos, conforme acompanha-se abaixo:

Aquelas que tiveram antes experiências heterossexuais, uma delas inclusive foi casada e teve dois filhos, fazem questão de estabelecer um corte entre o “sexo com homem” e o “amor com mulher”. O prazer físico está presente nas relações sexuais com os homens, mas o sentimento de “completude” e de “realização” só se coloca nos relatos das experiências com mulheres. (2010:223)

Do mesmo modo, tais comparações observadas por Alves, observa-se nas falas apresentadas acima e que compõem esse trabalho. Com exceção de Fabíola que se relacionou somente com mulheres e se eximiu de fazer comparações entre relacionar-se com homens ou mulheres, todas as demais delimitaram uma divisória entre as duas primeiras vezes (com homem e com mulher). Bem como salientaram que as relações sexuais com as mulheres são imbuídas mais de sentimentos afetuosos que as com homens.

No que se refere as identidades a partir da prática sexual, Suely Messeder (2012) em um evento acadêmico, construiu o debate tendo como referência o cotidiano de mulheres com experiências amorosas/sexuais com mulheres, e mostrou que existem diversas formas destas se relacionarem e de negociarem o relacionamento entre os espaços públicos e não-públicos, constatando assim que isso se dá a partir da heteronorma compulsórias, e assim se revelou com as experiências estudadas que:

Os relatos supracitados revelam que não existe uma essência de ser lésbica; ou seja, não existe uma mulher lésbica verdadeira e uma mulher lésbica falsa. Mas sim, planos discursivos que nos levam a uma matriz discriminatória que nos acomete, enquanto vítimas estruturais (2012:156)

Ainda sobre os relatos usados por Messeder (2012:153), coteja-se com os relatos desta etnografia, expostos acima, e podemos apreender que em meio aos relatos das interlocutoras, e as afirmações sobre identidade e negociação da publicização ou não da afetividade/sexualidade destas mulheres, elas também estão pautadas nas normas da matriz heterossexual e assim negociam suas performances afetivas nos espaços públicos.

Mesmo que não esteja se discutindo as identidades a partir da perspectiva feminista como fez Swain (2016:13), utilizo literatura da autora e tomo emprestado os questionamentos feitos por ela e que aqui exponho, para debater a não identificação das interlocutoras pautada em identidades academicamente conhecidas:

Como se pode criar um núcleo identitário em torno de práticas que podem variar não só no tempo e no espaço, mas em relação aos próprios indivíduos e seus desejos? A questão que se coloca e que vem sendo evitada é: porque o sexo é o denominador em torno de qual se substantivam os seres?

O que continua a me espanta (sic) é esta necessidade de ancoragem grupal: os atos necessitam de um aval identitário para que possam ter um sentido? E se o sentido estivesse na própria transitoriedade do sujeito e na transumância dos elementos que supostamente o compõem?

Percebeu-se acima com as histórias que ilustram este trabalho, e com fulcro em Heilborn (1996: s/n), que as entrevistadas não-lésbicas não utilizam a sua relação afetivas-sexuais como definidoras de identidades e de suas identidades sexuais, e assim também não distinguem o fato de ser/estar homossexual, nem tão pouco representa covardia, ou falta de solidariedade com seus iguais". Bem como a autora supra citada corrobora em sua obra:



O discurso, que este artigo traz como ilustração etnográfica, ao contrário, se organiza em torno da afirmação de que o sexo do parceiro não é relevante para o entendimento da relação, e que a escolha sexual do presente (ou do passado) não significa reconhecer-se como essencialmente homossexual – uma vez que os caminhos do desejo são obscuros e inescrutáveis são os seus desígnios – e, ainda, que privilegiar a dimensão erótica de sua apresentação no mundo é empobrecedor. Estamos diante de um debate que recorta o politicamente correto para os grupos militantes e os que são chamados de alienados. (1996: s/n)

Oliveira (2014), indiferentemente da classificação identitária das interlocutoras, analisa as relações afetivo-sexual, ainda que estas tenham tido experiências de ordem heterossexual, a autora considera como foco as afetivo-sexual com mulheres e assim utiliza a categoria analítica homoerotismo.

A partir dessa abordagem, escolha teórica da utilização do conceito de homoerotismo foi orientada pela possibilidade que esta categoria analítica oferece de analisar as relações afetivas e sexuais entre as mulheres que aparecem como interlocutoras desta pesquisa. Aparecem, assim, como indiferentes as definições identitárias que estes sujeitos sociais empregam como categorias classificatórias de si mesmo. (2014: 63-64)

Da mesma forma observo ser muito importante considerar as experiências afetivo-sexual com homens e mulheres apresentadas nas narrativas das interlocutoras, ainda que as experiências homoeróticas fossem as definidoras para que as entrevistadas se tonassem interlocutoras deste trabalho.

Por todos o exposto, no campo que ornou este trabalho, encontrou-se as influências tal qual foram corroboradas pelas autoras acima citadas, Alves (2010) Messeder (2012) e Heilborn (1996). Considerando Messeder estas mulheres são vítimas de uma matriz instaurada de forma severa e perversa que define o que é certo através da padronização ocasionada pela heteronorma apoiada em valores socioculturais de diversas ordem. De outra forma, as práticas sexuais das interlocutoras não são vistas por elas como definidora das suas identidades, tal qual Heilborn bem posicionou a discussão em sua etnografia.

Em diapasão com as demais autoras aqui apresentadas Olga Regina Zigelli Garcia (2003), pesquisou mulheres que se identificavam como heterossexuais, mas que também mantinham prática sexual com mulheres. Estas entrevistadas não se identificavam de forma alguma como homossexuais (o que provavelmente muitas não são mesmo). Então a autora à

época já apontava “*para necessidade de, neste início de milênio estarmos abertos para pluralidade como componente da liberdade individual e da diversidade sexual humana*” (2003:2). Sendo essa consideração muito importante para entendermos a gama da diversidade sexual humana.

A respeito das interlocutoras de Olga Garcia estive pensando que estas mulheres podem sofrer preconceitos por suas práticas, tanto que em suas falas aparecem a manifestação do medo de que as pessoas descubram tais práticas com mulheres, no entanto, acredito que por se declararem heterossexual e manterem relacionamentos assim orientados, possivelmente estariam menos propensas aos preconceitos que mulheres lésbicas e bissexuais possam passar.

E assim passei a me perguntar se, com tais práticas heterossexuais vivenciadas e publicizadas suas trajetórias sexuais não passem a ser mais aceitas? E ainda que as práticas homoeróticas que elas vivenciam de forma secreta sejam descobertas, não seriam de certa forma abrandadas tendo em vista que se autodefinem como heterossexual?

Em relação a Dalila, minha interlocutora, que vivencia o homoerotismo de forma mais casual, pois se relaciona com homens e geralmente está namorando com homem, percebi que quando se preocupou em decepcionar os pais foi principalmente com a possibilidade de uma gravidez não desejada e que pudesse mudar sua trajetória de vida que é voltada aos estudos. Embora considera que seu pais não aceitariam um relacionamento homoerótico.

Seria pelo fato do comportamento sexual de Dalila ser predominante heterossexual e assim ela é melhor aceita? Ainda que as demais (Simone, Margareth e Aline) não se autodefiniram como mulheres lésbicas, ainda assim estão vivenciando exclusivamente relacionamento homoerótico, e por isso teria maior dificuldade em serem aceitas? Com isso, observa-se também que existe uma hierarquia de aceitação conforme a forma (maior ou menor frequência) com que a prática sexual é vivenciada?

Sobre as possibilidades como vem sendo apontado neste capítulo, bem como sobre as identidades ou não identidades também discutidas aqui, Jeffrey Weeks (2007) é bem dirigido ao inferir:

A conclusão é inescapável. Sentimentos e desejos podem estar entranhados e podem estruturar as possibilidades individuais. As *identidades*, entretanto, podem ser escolhidas, e, no mundo moderno, com sua preocupação com a sexualidade “verdadeira”, a escolha é muitas vezes política. (2007:73)

Após tantas narrativas observadas no campo de pesquisa e conforme literatura sobre o tema, muitos questionamentos surgem, e que de pronto não podem ser respondidos, pois como argumentou Swain (1999: 118) não existe uma essência e nem mesmo homogeneidade nos comportamentos: *“Meu argumento é que nem o sexo biológico nem o gênero nem as práticas sexuais podem dar uma definição do ser humano, atestando uma essência qualquer ou uma substância estável de homogeneidade individual.”*

Sendo assim, no exercício de reflexão aqui empreendido então percebe-se que as práticas afetivo-sexual e as demais categorias apontadas por Swain, não podem ser marcadores de diferenciação sexual, e que definam que estes ou aqueles estão certos ou errados, são “normais ou anormais”, tem direito ou não os tem, impedindo-as ou permitindo-as vivenciarem suas vidas afetivas e sexuais conformes seus desejos e suas escolhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que para algumas pessoas que me conhecem como lésbica e militante do movimento LGBT pode parecer estranho aqui neste trabalho eu não ter realizado uma pesquisa sobre mulheres lésbicas e com isso visibilizar um segmento que por vezes é invisibilizado. E embora essa também fosse uma preocupação minha, de como as pessoas entenderiam isso, decidi trabalhar com mulheres se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres de diversas formas.

Passei por várias fases e bem no início (aos doze anos) pensei será que sou sapatão? (e fiz isso com toda a carga negativa que fora imposta socialmente). Posteriormente achava muito legal dizer que era entendida, a palavra me parecia tão mais especial e fazia assim sentir-me “entendida”, aquela que entedia de tudo.

Após entrar na universidade entendi perfeitamente o que sócio-politicamente significa ser lésbica e assim pude afirmar que sou uma mulher lésbica, ao mesmo tempo também pude compreender que algumas mulheres que se relacionam com mulheres não são lésbicas, e foi então que passei a me incomodar com a afirmação que ouvi várias vezes de que essas mulheres são lésbicas e não querem se assumir como tal.

Neste trabalho, a homossexualidade e a lesbianidade não são a temática específica em estudo, no entanto nas falas das interlocutoras é perceptível que socialmente as relações afetivas-sexual vivenciadas com pessoas do mesmo sexo, são consideradas como relações homossexuais, e assim, se são entre duas mulheres, estas são consideradas socialmente também como mulheres lésbicas.

Porém, John H. Gagnon (2006:394) afirma que:

É claro que o simples fato de uma mulher ter ou não ter mantido relações sexuais com outra não basta para que um observador contemporâneo decida que ela é “homossexual” ou lésbica. Até mesmo a tradição psicanalítica deixou espaço para os atos sem a identidade (o homossexual situacional) ou os desejos sem ação (o homossexual latente).

No primeiro capítulo em que utilizei a literatura existente sobre mulheres que se relacionam com mulheres, embora como a maioria das autoras e autores empregados neste trabalho afirmaram esta ser uma temática ainda escassa academicamente se comparada às masculinas, no primeiro momento do levantamento bibliográfico, diante da literatura de referência tive a impressão de que as mulheres que se relacionavam afetivo-sexualmente com mulheres eram imediatamente consideradas mulheres lésbicas, todavia, após perscrutação sobre a temática foi percebido que havia literatura que demonstrava tal inquietação com a sexualidade vivenciada de forma mais livre sem definições tão fechadas nas identidades políticas já conhecidas.

E assim foi respeitada a autodefinição das interlocutoras, movimento também percebido em outros trabalhos que foram apresentados no desenvolvimento deste. Dessarte, tornou-se mais fácil entender que a prática sexual não era o fator determinante para que as interlocutoras se identificassem como homossexual, ou como lésbicas, nem tão pouco as interlocutoras deixaram ou deixariam de vivenciar experiências homoeróticas por não se encontrarem “encaixadas” em identidades pré-definidas.

No segundo capítulo, ao falar da metodologia, do campo e apresentar as interlocutoras, e ao refletir sobre o campo e a minha presença nele, pensei em como a presença do pesquisador influencia o campo, por vezes modifica situações e principalmente se você de alguma forma é familiar a ele e assim tem o compromisso de estranhá-lo, tal qual aprendi nas aulas de antropologia, para descortinar o que o campo ainda não mostrava.

E assim foi necessário conhecer cada uma delas, observá-las, conviver e dividir momentos que não eram da pesquisa, porém também engrandeciam e revelavam o que nenhum questionário era capaz de revelar, sendo assim tão importante para a pesquisa quanto o momento propriamente dito da pesquisa de campo. E assim comecei a entrar no infinito particular das entrevistadas que apresentei de forma breve neste capítulo.

No terceiro capítulo, considerando assim que este é o capítulo onde tudo acontece, onde tudo se revela, também é o capítulo que considero mostrar “a alma” do trabalho, bem como das interlocutoras com suas narrativas. E é através delas que podemos perceber melhor o título deste trabalho “Transgressões do Feminino: entrelaçando emoções desejos e escolhas”.

Utilizando o dicionário Aurélio e o significado da palavra transgredir, encontra-se que é “passar além de”, “atravessar”, “desobedecer a”, “violar”, “quebrar” e então juntando estes significados e misturando às narrativas aqui conhecidas, é possível entender que estas mulheres foram além do limite, quebraram e atravessaram as barreiras impostas, desobedeceram e violaram as normas (principalmente a heteronorma) pelas suas emoções, desejos e escolhas.

Sendo assim transgredir limites e normas, foi necessário para que essas mulheres vivenciassem suas vidas afetiva-sexual de forma plena, tendo em vista que tais normas não foram e não são pensadas para todos, para a diversidade humana, principalmente no que se refere as possibilidades da sexualidade humana.

Observa-se as diferenças nas práticas afetiva-sexual destas mulheres, como Fabíola exclusivamente lésbica; Cassia lésbica que experimentou uma relação sexual com homem; Aline e Dalila que gostam muito de homens, todavia vivenciam experiências com mulheres; Margareth, Simone e Alcione que não descartam a possibilidade de relacionar-se com homens; e Valéria que foi heterossexual por um longo período e hoje afirma que nunca mais vai se relacionar com homens. Estas histórias mostram que são muitas as formas e possibilidades de vivenciarem seus prazeres e desejos.

Como mostrou Guacira Louro (2007):

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas também são reguladas, condenadas ou negadas. (2007:9)

E nesse sentido as entrevistadas que fizeram parte desta pesquisa precisam eventualmente negociar sua vida afetiva-sexual com o armário dependendo do lugar, da trajetória familiar, e das evidências geracionais que implicam diretamente em diversas áreas da vida particular de cada uma, como por exemplo a liberdade financeira. Nas entrevistadas que apresentam independência financeira esta parece ser um requisito importante para a saída do armário e uma maior visibilização de seus desejos e escolhas.

Embora a questão acima não seja a única coisa definidora para manifestação/visibilização ou não de afetividades entre mulheres em espaços públicos e familiares, conforme as entrevistas aqui expostas no terceiro capítulo, é possível apontar que a prática religiosa dos pais/família das interlocutoras também podem ser significativas para que essas exponham ou não suas escolhas, ou seja, que as publicizem.

Quando a pesquisa era explicada às interlocutoras, as com práticas afetivo-sexual com homens e mulheres demonstraram satisfação em poder contribuir para o entendimento de que são mulheres que gostam de se relacionar com os dois gêneros, e demonstraram se sentir incomodadas com rótulos, principalmente quando as identificavam como lésbicas por se relacionarem com mulheres, embora em momentos e espaços de descontração utilizassem a denominação “sapatão” para se autodefinirem com gracejo, e ressignificando o termo, em entrevista frisaram não serem lésbica. Com exceção de Fabíola e Cassia que se autodefiniram lésbicas.

Percebo que neste tipo de pesquisa que requer falar de intimidades da vida afetiva-sexual algumas consequências parecem inevitáveis como a aproximação entre pesquisadora e interlocutoras e uma breve confusão quanto ao objetivo de fato da pesquisadora em campo foram umas das consequências. Embora meu campo tenha ocorrido em espaços públicos, ele também aconteceu em espaço privado, ou na minha casa ou na delas, algumas vezes tive a percepção que as interlocutoras ou familiares confundiram minha intenção na pesquisa de campo com a minha vida particular.

Pude sentir que em entrevistas que falamos mais na vida sexual, chegou-se a pensar que também poderia acontecer a possibilidade de termos alguma experiência sexual, e uma delas dizendo de forma manifesta que poderia me mostrar na prática o que estava falando. Entretanto, é importante saber que este foi um acontecimento somente do início da pesquisa, quando talvez ainda não havia sido entendido exatamente o propósito do trabalho. Bem como, nem todas conheciam a minha vida conjugal de período tão longo.

Também sei que esta não foi uma experiência vivenciada apenas por mim no campo desta temática, algumas autoras que utilizei neste trabalho também relataram em suas obras, que passaram por experiências semelhantes ao realizarem o campo em suas pesquisas sobre relacionamento afetivo-sexual entre mulheres. (Facchini 2008:46); Lacombe 2009; Meinerz 2011). Parece-me que as dificuldades encontradas na feitura de campo para

quem tem como objeto de estudo a sexualidade, as saias justas se apertam ainda mais como observou Liza da Silva (2007:198), ao resenhar a obra “Entre Saias Justas e Jogos de Cintura”<sup>34</sup>

Virar uma amiga e, mais que isso uma amiga confidente, também parece fazer parte deste tipo de pesquisa, afinal, ninguém se sentiria bem mesmo em falar de sua vida íntima afetiva-sexual com alguém que fosse estranho, e isso representasse apenas uma formalidade para contemplar um ritual que pertence somente a mim e não a elas, e nem mesmo é o mundo de todas elas. No entanto uma problemática se instalou neste momento: como fazer a diferença do que é segredo e o que é o material para pesquisa, sendo que este momentos por vezes estão juntos e misturados?

Como Pâmela Laurentino (2015:48) chamou atenção, estes são componentes do trabalho em que *“as comunicações involuntárias, [são] entendidas aqui como os momentos de interação nos quais a fronteira entre pesquisadora e sujeito era borrada e, de forma não intencional, os diálogos foram estabelecidos”*. E ao fazer parte da observação em campo, influenciaram e contribuíram na construção deste.

Foi possível perceber que as mulheres que fizeram parte deste trabalho, e podem representar um espaço, ou um contexto, influenciam e são influenciadas com sua trajetórias de vida afetivo-sexual, e que ainda se preocupam com o que as pessoas (principalmente a família), com o que a sociedade definiu socialmente como certo ou errado, mas por outro lado, não se furtam de viver seus desejos e escolhas.

Dito isso, no entanto também afirmo que estas mulheres não viam problemas em serem lésbicas, contudo o problema está em serem definidas por alguém, ou por instituições com uma identidade a qual elas não se sentem parte, como também foi apresentado mulheres que não se sentem incluídas em nenhuma das partes definidas pelas sociedades e instituições como por exemplo os movimentos LGBTs definem.

E se pensarmos que estas mulheres têm o mesmo direito de se sentirem ou não encaixadas em uma identidade, tal qual sinto-me bem com a minha, percebemos que as possibilidades são muitas e que há um momento propício a desconstrução de definições que

---

<sup>34</sup> Bonetti, Aline & Fleischer, Soraya (org). Entre Saias Justas e Jogos de Cintura. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 2007



são e estão prescritas na sociedade a partir de uma heterossexualidade compulsória estabelecida e firmada como única passiva de aceitação e naturalizada à normalidade.

Pensando no sentido de que diversidade sexual é assunto complexo para o entendimento, podemos observar que para as seis interlocutoras que reivindicam outras definições que não a lésbica, as identidades podem representar também uma uniformização dos comportamentos o que viria de encontro com as possibilidades dentro da diversidade que aqui foram apresentadas nas histórias narradas pelas interlocutoras.

Dito isso, podemos pensar que as expectativas criadas em torno dos comportamentos afetivos e sexuais, são criados a partir do pensamento binário e heteronormativo que levou em conta as genitálias feminina ou masculina, e com isso, estabeleceu-se hierarquias e regras sociais que podem tensionar as relações e daí gerar preconceitos que definem que uns estão certos outros errados, fazendo de uns aceitáveis e outros abjetos, a partir da forma como estas se relacionam afetivo-sexualmente.

Decerto foi possível perceber que as possibilidades não-heterossexuais estão postas nas narrativas das vivências da sexualidade das mulheres entrevistadas, descolando assim as relações afetivas e as práticas sexuais das normatizações sejam estas heterossexuais ou homossexuais.

A saber, é importante destacar mais uma vez *“que não existe aqui a atitude de negação das conquistas históricas do Movimento LGBT ocorridas por e para a construção das reconhecidas identidades coletivas”* (Anjos 2015:99), compreende-se sim que as identidades são importantes para construção das organizações coletivas, para o empoderamento, para identificar-se com seu pares e se juntarem com objetivo de fortalecimento e resistência, para luta pelos seus direitos e liberdade.

Como Weeks apontou:

A ideia de uma identidade *sexual* é uma ideia ambígua. Para muitos, no mundo moderno, é um conceito absolutamente fundamental, oferecendo um sentimento de unidade pessoal, de localização social e até mesmo de comprometimento político. (2007:70)

É mister afirmar que aqui não se encerra, não conclui-se, nem se dá conta de tudo que a temática requer. Pelo contrário nos leva a pensar mais e questionar mais sobre possibilidades, sobre sexualidade, sobre identidades, e assim parafraseando Fry e MacRae – O que é homossexualidade?, navarro Swain – O que é ser lésbica? E Judith Butler – O que é ser mulher?

Ouso dizer aqui que estas perguntas só podem ser respondidas por cada pessoa, que como as interlocutoras deste trabalho, insistiram em atravessar as barreiras, transgredindo normas impostas pela sociedade, mas se permitindo vivenciar possibilidades diversas e que lhes causem emoções e desejos a partir de suas próprias escolhas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Glauca Elaine Silva de. 2005. *Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do "corpo lésbico" na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e AIDS*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Alves, Andrea Moraes. 2010. ENVELHECIMENTO, TRAJETÓRIAS E HOMOSSEXUALIDADE FEMININA. In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 213-233, jul./dez.
- Anjos, Gabriela dos. 2000. Identidade Sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. In *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, nº 4, jul/dez 2000, p.274-305
- Anjos, Karen Priscila Lima dos. 2016. *Cartografando lesbianidades: jogos performativos de gênero e subjetivação nas experiências de/entre mulheres*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Araújo, Chaiane Rosa de; Pellegrini, Grace Kellen de Freitas. 2014. *O 'NOVO' CONCEITO DE FAMÍLIA NO BRASIL: A INTERPRETAÇÃO CONFORME À CONSTITUIÇÃO NA ADI 4.277*. XI Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. VII Mostra de Trabalhos Jurídicos Científicos.
- Arendt, Hannah. 1993. *A vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Tradução de Antônio Abranches (et. al.). 2ª ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira.
- Borges, Lenice Santana. *VISIBILIDADE LÉSBICA: UM COMENTÁRIO A PARTIR DE TEXTOS DA MÍDIA*. Acessado em 17/07/2016. Disponível em: [http://www.academia.edu/995948/Visibilidade\\_lésbica\\_um\\_comentário\\_a\\_partir\\_de\\_textos\\_da\\_mídia](http://www.academia.edu/995948/Visibilidade_lésbica_um_comentário_a_partir_de_textos_da_mídia)
- Bourdieu, P. 1996. *A Ilusão Biográfica*. Paris:1986. In Amado, J., Ferreira, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora.
- Brasil. 2009. *PLANO DE ENFRENTAMENTO À FEMINIZAÇÃO EPIDEMIA DE AIDS E OUTRAS DST*. Brasília, DF.
- Butler, Judith. 2007. *Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Costa, Jurandir Freire. 1992. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo I*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 4ª edição.
- Costa, Rogério S.M. 2007. *Homossexualidade: um conceito preso ao tempo*. In *Bagoas : estudos gays - gêneros e sexualidades*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. – V. 1, n. 1: 121-144, jul./dez. 2007). – Natal : EDUFRRN

Da Matta, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. pp. 23-35.

Debert, Guitta Gerin. 1986. Problemas Relativos a Utilização da História de Vida e História Oral. In *A Aventura Antropológica. Teria e Pesquisa*. DURAM, E. et al.: Org Ruth C. L. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Facchini, Regina. 2005. *Sopa de Letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro. Garamond.

\_\_\_\_\_. 2003. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. In: *Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas*. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v. 10, n. 18/19, pg. 79-128.

\_\_\_\_\_. 2008. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. UNICAMP.

\_\_\_\_\_. 2008b. *Mulheres, (homos)sexualidade e diferenças: uma reflexão sobre políticas públicas segmentadas*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Foucault, Michel. 1998. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

Fry, Peter. 1982. Da Hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil. IN: *Pra Inglês Ver*. Zahar Editores, Rio de Janeiro.

Fry, P. H. & MacRae, E. 1983. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense.

Gagnon, Jhon H.. 2006. Quem era essa moça (2000). In *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond.

Gallas, A. K. C. Reis, P. L. S. s/d. *Inclusão e exclusão: etnografia sobre as redes de sociabilidades lésbicas e gays na cidade de Teresina*. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunica%C3%A7%C3%A3ooralgallasreis.pdf>

Guérios, Paulo Renato. 2011. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. *Campos*, 12(1):9-29.

Gontijo, F. S. Reis, P. L. S. 2014. MULHERES EM REDE: SOCIABILIDADE, MORALIDADE E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE LÉSBICAS NO PIAUÍ E NO MARANHÃO. *Amazôn., Rev. Antropol.* (Online) 6 (1):170-192.

Heilborn, Maria Luiza. 1996. "Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social" In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145. Disponível em: <http://docplayer.com.br/54152-Ser-ou-estar-homossexual-dilemas-de-construcao-de-identidade-social.html>.

\_\_\_\_\_. 2006. Entre as tramas da sexualidade brasileira. In *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1): 43-59, janeiro-abril.

Lima, Stephanie Pereira de. 2016. *As bi, as gay, as trava, as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução!*: uma análise sócio antropológica do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES). Dissertação de Mestrado. Programa de PósGraduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 171 f.

Lacombe, Andrea. 2007. De entendidas a sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. In **Cadernos Pagu**, n. 28, pg. 207-225.

\_\_\_\_\_. 2009. A arquitetura do desejo: gramáticas espaciais e socializações lésbicas. In **Revista Sexualidades**, n. 04, pg. 1-47.

\_\_\_\_\_. 2009. "Tu é ruim de transa!" ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: (Orgs.) Maria Elvira Díaz-Benitez e Carlos Eduardo Figari. **Prazeres dissidentes**. Garamond, 2009, p. 373- 392.

Louro, Guacira Lopes. 2004. Marcas do corpo, marcas do poder. In *Um corpo estranho – ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

\_\_\_\_\_. 2007. Pedagogias da Sexualidade. In *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

Lúcio, Firley Poliana da Silva. 2017. A LÉSBICA E A BISEXUAL: INVISIBILIDADE NO CAMPO DA SAÚDE. *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, 11(esp), jan. Disponível em: <http://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/11901/14376>

MacRAE, Edward. 1990. **A construção da igualdade**. Identidade sexual e política no Brasil da "abertura". Campinas, Ed. da Unicamp.

Meinerz, Nádia E.. 2008. Entre mulheres. A constituição de parcerias sexuais e afetivas femininas. *Latitude*, Vol. 2, nº1, pp.124-146.

\_\_\_\_\_. 2011. *Entre Mulheres: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Eduerj.

Messeder, Suely Aldir. 2012. QUANDO AS LÉSBICAS ENTRAM NA CENA DO COTIDIANO: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas / sexuais com outras mulheres na heterossexualidade compulsória. In *Universidade e Sociedade*. DF, ano XXI , nº 49, janeiro.

Miskolci, Richard. 2002/2003. Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, 13/14, pg. 109-126.

Monteiro, Luciana Fogaça. Machado, Paula Sandrini. Nardi, Henrique Caetano. 2011. Do armário à armadura: estratégias de mulheres no enfrentamento da homofobia e do heterossexismo. In *Polise e Psique*, Vol. 1, Número Temático.

Nina, Alan Michel S..2010. *O Prazer de Estar-Juntas: uma análise sobre os espaços de sociabilidade (entre mulheres) em Belém*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém – Orientadora: Izabela Jatene de Souza.

Oliveira, Vanilda Maria de. 2006. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades** em Goiás. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Goiás.

Oliveira, Jainara Gomes de. 2011. GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: MULHERES QUE FAZEM SEXO COM MULHERES E ACESSO À SAÚDE SEXUAL. In *III Seminário Nacional: Gênero e Práticas Culturais. Olhares diversos sobre as diferenças*. João Pessoa. CCHLA.UFPB.

\_\_\_\_\_. 2012. “De perto e de dentro. Um olhar antropológico sobre o acesso a saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em Maceió/AL” RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 32, pp. 551-601, Agosto de 2012. ISSN 1676-8965

\_\_\_\_\_. 2014. Prazer e risco: um estudo antropológico sobre práticas homoeróticas entre mulheres em João Pessoa, PB. João Pessoa: PPGA/UFPB. (Dissertação de Mestrado em Antropologia)

\_\_\_\_\_. 2015a. Notas etnográficas sobre a constituição de relações homoeróticas femininas em João Pessoa, PB. In **Clínica & Cultura** v. IV, n. I, jan-jun 2015, p. 89-96.

\_\_\_\_\_. 2015b. A CONFIANÇA NAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS FEMININAS. *LES Online*, Vol. 7, No 1.

Pantoja, E.F. 2010. **Brasil e Portugal: o reconhecimento da homoconjugalidade**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém – Orientadora: Denise Machado Cardoso.

Parker, Richard G. 1991. **Corpos, Prazeres e Paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Tradução: Maria Therezinha Cavallari. São Paulo: Editora Best Seller.

Perucchi, Juliana. 2001. Eu, Tu, Elas **Investigando os sentidos que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Quaresma, Fracielle da Silva. 2009. *As experiências das mulheres que perpassam suas práticas sexuais pela homossexualidade frente à existência ou não de preconceito por parte de profissionais da área de saúde*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Pará.

Reis, Pâmela Laurentina Sampaio. 2015. *ENTRE REDES: mulheres, afetos e desejos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Piauí. Teresina.

Rich, Adriene. 2010. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: *Revista Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidade*, vol 4, n. 5, jan/jun.

Sedgwick, Eve Kosofsky. 2007. A epistemologia do armário. In *Cadernos Pagu*, 28.

Silva, Liza Bilhalva Martins da. 2007. Resenha do Livro Entre Saias Justas e Jogos de Cintura. In *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*. V. IV, nº7/8. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez.

Silva Filho, Milton Ribeiro. 2012. *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Antropologia. Universidade Federal do Pará. Belém.

Simões, Júlio Assis; França, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: *Homossexualismo*. São Paulo. Editora Unesp. São Paulo, 2005, pg. 309-336.

Swain, Tânia Navarro. 1999. Feminismo e lesbianismo: A identidade em questão. *Cadernos Pagu* (12). pp.109-120

\_\_\_\_\_. 2004. *O que é lesbianismo*. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense

\_\_\_\_\_. 2016. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 11-24, set.

Souza JR., Samuel Luiz de. *Direitos Sexuais e Políticas Públicas: o combate à discriminação para a concretização dos Direitos Humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no Estado do Pará*. Dissertação de Mestrado em Direitos Humanos. Programa de Pós-Graduação em Direito. Universidade Federal do Pará, 2011.

Weeks, Jeffrey. 2007. O Corpo e a Sexualidade In. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

Vale de Almeida, Miguel. 2009. **A chave do armário** – homossexualidade, casamento, família. Lisboa: ICS.

Vance, Carole S. 1995. *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. In: **Revista de Saúde Coletiva**, Vol. 5, Número 1, 1995, p. 7-31.



## Sites Consultados

<http://www.umarfeminismos.org/index.php/quemsomos>

<http://grupo-pontes.blogspot.com.br/2012/03/o-que-e-o-enuds.html>

<http://www.sbpcnet.org.br/site/home/>

<http://ebw.up.pt/>

<http://petcsufpa.wordpress.com/about/>

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4787190>

D4

<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150140&search=para|belem|info graficos:-informacoes-completas>

<http://www.cadaminuto.com.br/imprimir/noticia/222945/voce-nao-conhece-a-belem-morena-venha-conhecer>

<http://6enuds.blogspot.com.br/2008/10/vem-que-tem-enuds-belm.html>

[www.gepemacontece.blogspot.com.br](http://www.gepemacontece.blogspot.com.br)

## APÊNDICE I

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### *1 Identificação*

- a. Nome completo
- b. Grau de instrução (1º grau completo/1º grau incompleto/2º grau completo/2º grau incompleto/curso superior completo/curso superior incompleto/mestrado/doutorado).
- c. Ocupação e atividade remunerada
- d. Religião
- e. Qual a sua cor?
- f. Idade
- g. Mora sozinha(a) ou com quem reside?
- h. Qual(is) escola(s) frequentou no ensino fundamental e médio?

#### *2 Trajetória familiar* (Classe social, narrativas familiares sobre sexo e padrões de condutas familiares)

2.1 Fale um pouco da sua criação familiar.

2.2 Na sua família se fala(va) sobre sexo com você? (independentemente se a resposta for positiva ou negativa) O que você se lembra?

#### *3 Lazer e espaços de sociabilidade* (frequenta algum grupo religioso e/ou é filiado, ativismo em algum movimento social e espaços de lazer que frequenta)

3.1 Faz parte de alguma religião? Se sim, qual a religião?

3.2 Em seu convívio religioso com amigos/as, colegas e conhecidos/as, o que se conversou ou se abordou ou se aborda quando o assunto é sexualidade?

3.3 Atua em algum grupo ou movimento social? Se sim, em qual ou quais participa?

3.4 Você participa de uma rede social? Quais?

3.5 Você já ficou, namorou ou saiu com alguém que conheceu na internet?

3.6 Você procura sexo pela rede de relacionamentos virtuais?

3.7 Quais os lugares que frequenta para se divertir e encontrar amigas (os)?

3.8 Quais são os assuntos que geralmente conversam?

#### *4 Iniciação sexual*

4.1 Você poderia nos falar sobre as suas experiências sexuais

4.2 E sobre a sua primeira vez?

4.3 Quantos anos você tinha? Você poderia ainda acrescentar quais lugares que frequentava na época?

4.5 O que passou na sua cabeça na sua primeira vez?

4.6. O que representou para você?

4.7. Você contou para alguém? O que isso representou para você?

4.8 Você esteve com a mesma pessoa, mais de uma vez? Em que lugares e programas faziam quando vocês ficavam, transavam ou namoravam?

4.9 Conte um pouco como você idealizava o seu parceiro ou a sua parceira?

4.10 Retomando a sua primeira vez: E como ele/ela é/era?

4.11 O que você acha que o seu parceiro ou parceira viu em você?

4.12 E você: o que você viu nele(a) que lhe atraiu?

4.13 Você acha que a cor do seu parceiro ou parceira foi importante na escolha para a sua primeira vez? Por quê?

4.14 O que considera marcante quando você se lembra da sua primeira vez? (Lembre ao (à) entrevistada que pode ser qualquer coisa: um gesto, uma frase)

4.15 Para a sua parceira ou parceiro, o que você considera que foi marcante?

4.16 Você pode falar de seus relacionamentos atuais - ficar, namorar e/ou transar?

4.17 Qual a cor do seu parceiro ou parceira?

4.18 Você acha que a cor do seu parceiro ou parceira influencia na escolha dos seus relacionamentos atuais?

4.19 Você vê diferença na relação sexual com mulheres e com homens? Quais? Como é com homem? e como é com mulher? Conte um pouco sobre o assunto.

4.20 Como você se vê quando o assunto é sexualidade?

4.21 Você gostaria de acrescentar algo sobre o tema da nossa entrevista?

**APÊNDICE II****TERMO DE COMPROMETIMENTO E CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO\***

Eu, \_\_\_\_\_, fui convidado/a e aceitei participar como interlocutora, voluntária, da pesquisa sobre relacionamento afetivo e/ou sexual entre mulheres. Recebi informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas que:

1. participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa;
2. minha participação neste estudo não trará nenhum dano à minha integridade física, social e emocional;
3. sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
4. minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista concedida a pesquisadora; que em alguns encontros utilizará gravador para registrar a entrevista.
5. o sigilo será garantido e não será revelado, em nenhuma circunstância, o nome de qualquer participante;
6. a divulgação das informações obtidas nesta pesquisa será feita entre os(as) profissionais estudiosos(as) do assunto, em produção de trabalho acadêmico;
7. a qualquer momento, poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
8. as informações por mim fornecidas serão úteis para a produção de conhecimento na área das ciências sociais, gerando debates e publicações que podem contribuir para a melhor qualificação da abordagem da temática sexualidade, gênero e especificamente relações afetivo e/ou sexual entre mulheres;

Após ter lido e conversado com a entrevistadora sobre a pesquisa, a utilização das minhas informações, e os termos contidos neste consentimento, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Belém - PA, \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_\_\_.

Nome completo:

Assinatura ou impressão digital:

Entrevistadora: Elane de Farias Pantoja\*\*

Assinatura:

\* Documento em duas vias: uma sob posse da pesquisadora e outra da entrevistada.

\*\* Elane de Farias Pantoja, mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia - PPGA, da Universidade Federal do Pará.

Contatos: (91) 98125-4546, 98812-0664

Email: [efpantoja@yahoo.com.br](mailto:efpantoja@yahoo.com.br) / [elanepant@gmail.com](mailto:elanepant@gmail.com)